A DES CONHECIDA

DA MESMA AUTORA DE *A GAROTA PERFEITA*, BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

MARY KUBICA

Planeta

A DESCONHECIDA

A DESCONHECIDA

MARY KUBICA

Tradução
Fal Azevedo

Planeta

Copyright © Mary Kyrychenko, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
Todos os direitos reservados.
Título original: *Pretty baby*
Este livro foi publicado em acordo com Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou lugares é mera coincidência.

Preparação: Luciana Paixão
Revisão: Mariane Genaro e Lívia Stevaux
Diagramação: Abreu's System
Capa: Adaptação do projeto original de Sean Kaptain
Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Kubica, Mary
A desconhecida / Mary Kubica; tradução Fal Azevedo. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017.
352 p. 23 cm.

Tradução de: Pretty baby
ISBN: 978-85-422-0998-3

1. Romance americano. 2. Thriller psicológico I. Azevedo, Fal. II. Título.

17-41051

CDD 813
CDU 821.111(73)-3

2017
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Para aqueles que perdi

HEIDI

Na primeira vez que a vejo, ela está parada na estação de Fullerton, na plataforma do trem, com uma criança no colo. Abraça a si mesma e ao bebê enquanto o expresso da Linha Roxa passa rugindo na direção de Linden. É dia oito de abril, faz menos de nove graus e está chovendo. A chuva despenca aqui, ali e em toda parte, o vento intenso e feroz. Um péssimo dia para o cabelo.

A garota está usando uma calça jeans rasgada no joelho. Seu casaco verde-oliva é fino e de *nylon*. Ela não tem um gorro nem guarda-chuva. Enfia o queixo sob o casaco e olha para a frente enquanto a chuva a castiga. As pessoas em volta estão debaixo de guarda-chuvas, e ninguém se oferece para dividir a proteção com ela. O bebê está quieto, enfiado dentro do casaco da mãe como um bebê canguru dentro da bolsa. Tufos de lã cor-de-rosa escapam do casaco e eu me dou conta de que a criança que parece adormecida em meio a uma enorme confusão – frio congelante, o ensurdecedor barulho do trem suspenso – é uma menina.

Há uma mala aos pés da garota, de couro surrado, marrom e com jeito de ter sido muito usada, ao lado de um par de botas de amarrar, completamente encharcado.

Ela não pode ter mais de dezesseis anos.

Ela é magra. Malnutrida, digo a mim mesma, mas talvez seja apenas magra. Suas roupas pendem em volta de seu corpo. Seu jeans é largo demais e seu casaco, muito grande.

Um anúncio luminoso do Departamento de Trânsito de Chicago informa que um trem se aproxima, e a fila de vagões invade a plataforma. Um bando de passageiros na hora mais movimentada da manhã se aglomera no trem, que está mais quente e seco do que a plataforma, mas a garota não se move. Hesito por

um momento – sentindo a necessidade de fazer *alguma coisa* –, mas então embarco no trem como os outros que nada fazem e, acomodando-me em um assento, olho pela janela enquanto as portas se fecham e nós deslizamos para longe dali, deixando a garota e seu bebê sob a chuva.

Mas ela permanece comigo o dia todo.

Sigo no trem até o Loop, uma área comercial importante de Chicago, e desço na estação de Adams/Wabash. Devagar, abro meu caminho, descendo a escadaria até alcançar a rua molhada, sentindo o cheiro acre do esgoto que paira pelos cantos das ruas da cidade, onde os pombos perambulam com seus passinhos hesitantes ao lado de latas de lixo e sem-teto e milhões de moradores da cidade correndo do ponto A ao ponto B sob a chuva.

Por diversas vezes, entre reuniões sobre alfabetização de adultos, a programação do supletivo e a orientação a um homem de Mumbai, penso na garota e na bebê passando a maior parte do dia na plataforma, observando o ir e vir. Invento histórias na minha cabeça. A bebê sofre de cólicas e só dorme em meio à agitação. A vibração causada pela aproximação dos trens é fundamental para manter a bebê adormecida. O guarda-chuva da mulher – eu o imagino vermelho brilhante e estampado com margaridas douradas – foi destruído por uma forte rajada de vento, virou de dentro para fora, como costuma acontecer em dias como este. Estragou-se. O guarda-chuva, a bebê, a mala: era mais do que seus dois braços podiam carregar. Claro que ela não poderia deixar a bebê para trás. E a mala? O que havia naquela mala que tinha mais importância do que um guarda-chuva em um dia como este? Talvez ela tenha permanecido lá o dia todo, esperando. Talvez estivesse esperando por uma chegada, em vez de uma partida.

Ou talvez ela tenha embarcado na Linha Vermelha, segundos depois que a Linha Marrom desapareceu da vista.

Quando volto para casa naquela noite, ela se foi. Não conto nada a Chris porque sei o que ele diria: “Quem se importa?”.

Ajudo Zoe com sua lição de matemática na mesa da cozinha. Zoe diz que odeia matemática. Isso não é surpresa para mim. Atualmente Zoe odeia quase tudo. Ela tem doze anos. Posso estar errada, mas, até onde me lembro, meus

dias de “Eu odeio tudo o que existe” chegaram bem mais tarde, quando eu já estava com dezesseis ou dezessete anos. Mas hoje em dia tudo chega mais cedo. Fui ao jardim de infância para brincar e aprender as primeiras letrinhas; Zoe foi para o jardim de infância para aprender a ler, para se tornar tecnologicamente mais experiente do que eu. Meninos e meninas estão entrando na puberdade mais cedo, até dois anos antes do que a minha geração, em alguns casos. Crianças de dez anos têm telefones celulares; meninas de sete ou oito anos de idade têm seios.

Chris devora seu jantar e depois desaparece no escritório, como sempre faz, para debruçar-se sobre planilhas monótonas e cansativas até depois que Zoe e eu tenhamos ido para a cama.

No dia seguinte, ela está lá de novo. A garota. E mais uma vez está chovendo. É apenas a segunda semana de abril, e os meteorologistas estão prevendo recorde de chuvas para o mês. O abril mais úmido da história, dizem. No dia anterior, foram registrados, no aeroporto O’Hare, mais de quinze milímetros de chuva em um único dia. A água já começou a se infiltrar nos porões e a empossar nas ruas da parte baixa da cidade. Voos foram adiados ou cancelados. Recordo-me do que sempre diziam: “Os aguaceiros de abril trazem as flores de maio”. Visto uma jaqueta e enfio meus pés em botas de borracha para enfrentar a caminhada até o trabalho.

Ela usa o mesmo jeans rasgado, o mesmo casaco verde-oliva, as mesmas botas de amarrar. A mala antiga repousa ao seu lado. O ar frio a faz estremecer, a bebê se contorce e resmunga. Ela embala a garotinha para cima e para baixo, para cima e para baixo, e eu leio em seus lábios “shhh”. Ouço o que as mulheres ao meu lado, bebendo seu café quente sob guarda-chuvas do tamanho de guarda-sóis, dizem: “Ela não deveria tirar a bebê de casa em um dia como este”; “O que há de errado com essa garota?”; “Por que a bebê não está usando gorro?”.

O expresso da Linha Roxa passa por nós, o trem da Linha Marrom se aproxima e os que nada fazem colocam-se em movimento, como objetos inanimados em uma linha de montagem.

Hesito mais uma vez, desejando fazer *alguma coisa*, mas não querendo parecer intrusiva ou ofensiva. Há uma linha tênue entre ser solidário e ser desrespeitoso, uma linha que não quero ultrapassar. Pode haver um milhão de motivos para ela estar aqui com uma mala, segurando a bebê sob a chuva, um milhão de motivos além do perturbador pensamento recorrente que me assalta: *ela é uma sem-teto*.

Trabalho com pessoas que costumam ser afetadas pela pobreza, imigrantes na maioria. As estatísticas de alfabetização em Chicago são lamentáveis. Cerca de um terço dos adultos apresenta baixo nível de alfabetização, o que significa que não pode preencher formulários para candidatar-se a ofertas de emprego; não pode ler instruções ou mesmo orientar-se no mapa para saber em que estação descer. Não pode ajudar seus filhos com os deveres de casa.

As faces da pobreza são sombrias: mulheres idosas encolhidas nos bancos dos parques da cidade, empurrando tudo o que têm nesse mundo em um carrinho de supermercado enquanto reviram o lixo em busca de comida; homens na calçada junto a arranha-céus nos dias mais frios de janeiro com um papelão rabiscado contra o corpo inerte: "Por favor, me ajudem. Tenho fome. Deus abençoe". As vítimas da pobreza vivem em moradias precárias, em bairros perigosos, sua comida é inapropriada, para dizer o mínimo, e muitas vezes passam fome. Têm pouco ou nenhum acesso a cuidados de saúde, à imunização adequada; os filhos frequentam escolas precárias, desenvolvem problemas comportamentais, testemunham violência. Correm maior risco de praticar algum ato sexual cedo demais e, assim, o ciclo se repete. Adolescentes dão à luz bebês com baixo peso, recebem poucos cuidados de saúde, não podem ser devidamente imunizadas, e as crianças ficam doentes. Passam fome.

A pobreza, em Chicago, é maior entre negros e hispânicos, mas é claro que uma garota branca também pode ser pobre.

Isso tudo atravessa minha mente na fração de segundo em que me pergunto o que fazer. Ajudar a garota. Pegar o trem. Ajudar a garota. Pegar o trem. Ajudar a garota.

Mas então, para minha surpresa, a garota embarca. Passa pelas portas, segundos antes da gravação que ecoa no alto-falante do vagão: "Bing-bong.

Portas automáticas sendo fechadas". Eu a sigo perguntando-me para onde será que estamos indo a garota, seu bebê e eu.

O vagão está lotado. Um homem se levanta de seu assento e, graciosamente, oferece-o para a menina; sem uma palavra, ela aceita, rapidamente se ajeitando no banco metálico, ao lado de um sujeito arrumadinho em um longo casaco preto, que olha para a bebê como se ela fosse de Marte. Os passageiros distraem-se da viagem diária buscando refúgio em seus celulares, *laptops* e outros dispositivos, estão lendo romances, jornais, as notícias da manhã; bebem copos de café e, de suas janelas, observam a cidade se desenhando na linha do horizonte, perdida no dia nublado. Cuidadosamente, a garota tira a bebê de dentro do casaco. Ela desenrola o cobertor cor-de-rosa e, milagrosamente, por entre as sobras de lã, a bebê surge, seca. O trem dá uma guinada em direção à estação Armitage, sacudindo-se por trás dos edifícios de tijolos aparentes de três ou quatro andares, tão próximo da casa das pessoas que imagino a forma como devem estremecer quando o trem passa, copos tilintando nos armários, aparelhos de televisão silenciados pela reverberação dos vagões cada minuto ao longo do dia e noite adentro. Deixamos Lincoln Park e nos dirigimos para Old Town e, em algum momento pelo caminho, a bebê se acalma; seu pranto, reduzido a um choro manso para evidente alívio de todos os passageiros.

Sou obrigada a ficar mais distante da garota do que gostaria. Segurando-me firme, atenta a qualquer imprevisibilidade do trem em movimento, espio através dos corpos e pastas de trabalho. Pele branca como marfim, coberta de manchas de choro do rosto magro da mãe de olhar perdido, um macaquinho branco e a sucção desesperada da chupeta da criança. Uma mulher passa por elas e diz: "Que lindo bebê". A garota força um sorriso.

Sorrir não é algo que a garota faça naturalmente. Eu a comparo com Zoe e sei que é mais velha. O desespero em seus olhos, por um lado, a falta da vulnerabilidade evidente de Zoe, por outro. E claro, há a bebê (convenci a mim mesma de que Zoe ainda acredita que bebês são entregues por cegonhas).

Ao lado do homem de negócios, a garota parece diminuta, como uma criança. Seu corte de cabelo é irregular: desfiado de um lado, na altura do ombro do outro. É opaco, como uma velha fotografia em sépia, amarelada pelo tempo. Há

camadas de vermelho, que não é seu tom natural. Ela usa maquiagem preta e borrada pela chuva nos olhos escondidos atrás de uma franja longa e protetora.

O trem desacelera em seu caminho ao Loop, inclinando nas curvas e desvios. Eu observo enquanto a bebê é envolta mais uma vez na manta de lã rosa e enfiada sob o casaco de *nylon* e preparo-me para o desembarque delas. Ela desce antes de mim, na estação State/Van Buren. Olho pela janela, tentando não a perder no pesado congestionamento que enche a cidade a essa hora do dia.

Mas eu perco do mesmo jeito, e, assim, ela desaparece.

CHRIS

– Como foi seu dia? – pergunta Heidi assim que passo pela porta da frente. Sou recebido pelo cheiro forte do cominho, pelo som do noticiário vindo da sala de estar e pelo barulho explosivo do aparelho de som de Zoe que reverbera pelo corredor. No noticiário: uma chuva recorde está castigando o meio-oeste. Uma coleção de coisas *molhadas* se acumula na porta da frente: casacos, guarda-chuvas e sapatos. Coloco mais coisas na pilha e balanço minha cabeça para tirar o excesso de água do cabelo, como um cão molhado. Indo para a cozinha, beijo o rosto de Heidi, mais pela força do hábito do que como um gesto de afeto.

Heidi já vestiu seu pijama: vermelho, de lã xadrez; o cabelo, com suas ondas castanho-avermelhadas naturais, alisado pela chuva. Sem as lentes de contato, com os óculos.

– Zoe! – grita ela. – O jantar está pronto – seu grito ecoa pelo corredor, entre a porta fechada do quarto de nossa filha e o som ensurdecedor de uma banda de garotos. Não há chance de ela ser ouvida.

– O que tem para o jantar? – pergunto.

– Chili. Zoe!

Adoro chili, mas nestes dias o de Heidi é do tipo vegetariano, cheio não apenas de feijões pretos e roxos e grão de bico (e, pelo que parece, cominho), mas também o que ela chama de "carne moída vegetariana", para dar a impressão de que usa carne, mas sem que a vaca se envolva no processo. Ela apanha tigelas no armário e começa a servir o chili. Heidi não é vegetariana. Mas desde que Zoe começou a esbravejar sobre o teor de gordura na carne, há duas semanas, Heidi tomou a decisão, pela família, de ficar sem carne por um tempo. Até agora, tivemos um bolo de carne vegetariano e espaguete com almôndegas, também em versão vegetariana, bem como sanduíches de carne

vegetariana. E nada de carne. De verdade.

– Vou chamá-la – digo e atravesso o corredor estreito de nosso apartamento. Bato na porta que estremece e, com a bênção de Zoe, coloco a cabeça entre a porta e o batente para avisar sobre o jantar e ela responde que tudo bem. Está deitada em sua cama de dossel, com um caderno amarelo – aquele com todas as celebridades medíocres que ela recorta de revistas e cola na capa – no colo. Ela o fecha apressadamente assim que entro no quarto e apanha os cartões com os resumos de estudos sociais, que estão ao seu lado, ignorados.

Não menciono a carne moída vegetariana. Tropeço na gata a caminho do meu quarto e de Heidi, afrouxando a gravata enquanto ando.

Instantes depois, sentamos à mesa da cozinha e, de novo, Heidi me pergunta sobre meu dia.

– Foi bom – respondo. – E o seu?

– Odeio feijões – declara Zoe, enquanto ergue uma colherada de chili apenas para deixar o conteúdo escorrer de volta para a tigela. A televisão da sala de estar está muda, ainda assim nossos olhos são atraídos para ela, e tentamos fazer nosso melhor em leitura labial para entender as notícias da noite. Zoe se afunda em sua cadeira, recusando-se a comer. Ela é um clone de Heidi desde a forma arredondada do rosto até os cabelos ondulados e os olhos castanhos, tudo igual, do arco de seus lábios até o punhado de sardas que se espalham pelo nariz esnobe delas.

– O que você fez? – pergunta Heidi e eu faço uma careta por dentro, não querendo reviver o dia, nem as histórias dela, de refugiados sudaneses buscando asilo e homens adultos analfabetos. São deprimentes. Só quero fazer minha leitura labial das notícias da noite em silêncio.

Mas, de qualquer forma, conto a ela sobre uma oportunidade de negócio oferecida por um cliente, a elaboração de um contrato e uma teleconferência feita em um horário alarmantemente precoce com um outro cliente de Hong Kong. Às três horas da manhã. Eu me esgueirei do quarto que eu e Heidi dividimos e me arrastei até o escritório para a teleconferência e, quando tudo terminou, tomei banho e saí para o trabalho muito antes de ela ou Zoe começarem sequer a pensar em acordar.

– Estou indo, amanhã logo cedo, para São Francisco – lembro a ela.

Ela assente.

– Eu sei. Por quanto tempo?

– Por uma noite.

Então, eu lhe pergunto sobre seu dia e Heidi me conta sobre um jovem que emigrou da Índia para os Estados Unidos, há seis meses. Ele estava vivendo nas favelas de Mumbai. "Dharavi, para ser exata, uma das maiores favelas do mundo", Heidi me conta. "E estava ganhando menos de dois dólares americanos por dia, em seu país natal." Ela me conta sobre os banheiros, como são poucos e distantes entre si. Os moradores usam o rio para se aliviar. Ela está ajudando esse homem, chama-o de Aakar, com sua gramática. O que não é fácil. Ela ressalta:

– O inglês é uma língua muito difícil de aprender.

Digo a ela que sei disso.

Minha mulher tem um coração de manteiga. O que era bastante adorável quando a pedi em casamento, mas, de alguma forma, depois de catorze anos de convivência sob o mesmo teto, as palavras "emigrante" e "refugiado" me enervam, em geral porque tenho certeza de que ela se preocupa mais com o bem-estar deles do que com o meu.

– E seu dia, Zoe? – pergunta Heidi.

– Foi um saco – resmunga Zoe, afundada na cadeira, encarando o chili como se aquilo pudesse ser cocô de cachorro, e sorrio para mim mesmo. Pelo menos, um de nós está sendo honesto. Quero uma nova chance de responder. Meu dia foi um saco também.

– Um saco como? – insiste Heidi. Adoro quando ela usa a palavra "saco". É contra a sua natureza, chega a ser cômico. A única vez que Heidi fala sobre "sacos" é quando faz compras no mercado. E depois ela emenda: "O que há de errado com seu chili? Está muito apimentado?".

– Eu já disse. Odeio feijões.

Cinco anos atrás, Heidi a teria lembrado sobre as crianças famintas na Índia, Serra Leoa ou Burundi. Mas, atualmente, conseguir que Zoe coma *qualquer coisa* é uma façanha. Ou ela odeia tudo o que existe ou diz que é cheio de gordura,

como a carne. Assim, em vez disso, comemos carne moída vegetariana.

Das profundezas de minha pasta de trabalho – deixada no chão, ao lado da porta da frente – meu telefone celular toca e Heidi e Zoe olham para mim, perguntando-se se vou ou não escapulir com o celular no meio do jantar para me refugiar em meu escritório, o terceiro quarto da casa, que reformamos quando ficou claro que não haveria mais crianças para mim e Heidi. Eu ainda a flagro, algumas vezes quando está no escritório comigo, com seus olhos vagando pelos móveis cor de café *espresso* – uma mesa, estantes e minha cadeira de couro favorita –, imaginando um arranjo completamente diferente ali, um berço, um trocador e animais de safári brincalhões colados nas paredes.

Heidi sempre quis uma família grande. As coisas apenas não seguiram esse caminho.

É raro que consigamos ter um jantar rápido sem sermos interrompidos pelo som desagradável do meu celular. Dependendo da noite, do meu humor – ou, mais importante, do humor de Heidi – ou de qualquer outra emergência surgida no trabalho naquele dia, posso ou não atender. Nessa noite, coloco uma colherada de chili na boca como que dispensando a chamada e Heidi sorri de forma adorável, o que entendo como um "obrigada".

Heidi tem o mais doce dos sorrisos, não é apenas um simples movimento de seus lábios. Quando ela ri, penso na primeira vez que nos vimos, um baile de caridade na cidade, seu corpo envolvido em um vestido de tule *vintage*, sem alças, vermelho como seu batom. Era uma pintura. Uma obra-prima. Heidi ainda estava na faculdade, uma estagiária na organização sem fins lucrativos que ela agora comanda. De volta aos dias em que passar a noite acordado era moleza e quatro horas de sono eram uma boa noite para mim. De volta àqueles dias, quando trinta parecia *velho*, tão velho na verdade que eu nem considerava o que trinta e nove seriam.

Heidi acha que trabalho muito. Para mim, setenta e duas horas de trabalho semanais é normal. Há noites em que não chego em casa antes das duas da manhã; há noites em que estou em casa, mas trancado em meu escritório até o Sol começar a nascer. Meu celular toca todas as horas do dia e da noite, como se eu fosse algum médico de plantão, não alguém que lida com fusões e aquisições.

Mas Heidi trabalha em uma organização sem fins lucrativos; apenas um de nós ganha dinheiro o suficiente para pagar um apartamento em Lincoln Park, a escola particular cara de Zoe e fazer uma poupança para pagar a faculdade.

O celular para de tocar e Heidi se vira para Zoe. Ela quer ouvir mais de seu dia.

Acontece que a sra. Peters, a professora de ciências do sétimo ano, não estava lá e a substituta era uma completa... Zoe se interrompe, pensa em um adjetivo melhor do que aquele implantado em seu cérebro por pré-adolescentes desajustados... uma "chata" completa.

– Por quê? – pergunta Heidi.

Zoe evita fazer contato com os olhos, encara o chili.

– Não sei. Ela só era.

Heidi toma um gole de sua água, planta aquele olhar inquisidor em seu rosto. O mesmo que eu obtive quando mencionei a ligação às três da manhã.

– Ela era má?

– De verdade, não.

– Muito rígida?

– Não.

– Muito... feia? – pergunto para aliviar o clima da conversa. Heidi precisa, algumas vezes, colocar um freio nas coisas. Convenceu-se de que ser mãe envolvida com as questões da filha (e por isso quero dizer bastante envolvida) assegurará a Zoe de que é amada, enquanto ela entra no que Heidi chama de "tumultuados anos da adolescência". O que eu me lembro dos meus próprios anos tumultuados de adolescência era a necessidade de escapar dos meus pais. Quando eles me seguiam, eu corria mais rápido. Mas Heidi pegou livros na biblioteca: livros de psicologia sobre desenvolvimento infantil, educar com amor, segredos de uma família feliz. Ela está determinada a fazer isso direito.

Zoe ri. Quando ela faz isso – o que não acontece com muita frequência – tem de novo seis anos, pura, ouro vinte e quatro quilates.

– Não – responde ela.

– Apenas... uma chata, então? Uma desagradável velha chata – digo. Coloco de lado os feijões pretos e procuro por outra coisa. Um tomate. Milho. Sou um

catador de chili. Evito a carne moída vegetariana.

– É. Acho que sim.

– O que mais? – pergunta Heidi.

– Hein? – Zoe veste uma camisa *tie-dye* com as palavras *paz* e *amor* escritas em um cor-de-rosa vibrante. Estão cobertas de *glitter*. Prendeu seu cabelo em um rabo-de-cavalo lateral que a faz parecer muito sofisticada para seu aparelho laranja, que cobre seus dentes irregulares. Desenhou em todo seu braço esquerdo: símbolos de paz, seu próprio nome, um coração. O nome Austin.

Austin?

– O que mais foi péssimo? – pergunta Heidi.

Quem diabos é Austin?

– Taylor derramou seu leite no almoço. Sobre meu livro de matemática.

– Estragou o livro? – preocupa-se Heidi. Taylor é amiga de Zoe, sua melhor amiga no mundo desde que tinham quatro anos. Combinavam seus colares de melhores amigas, a maioria de caveiras. O de Zoe é verde-limão e fica em seu pescoço o tempo todo, dia ou noite. A mãe de Taylor, Jennifer, é a melhor amiga de Heidi. Se me lembro corretamente, elas se conheceram no parque da cidade, duas menininhas brincando na caixa de areia, suas mães fazendo um intervalo no mesmo banco do parque. Heidi chama isso de casualidade. Embora eu acredite, na verdade, que Zoe jogou areia nos olhos de Taylor e que aqueles primeiros momentos não foram tão afortunados, afinal. Se não fosse por Heidi e sua garrafa de água sobressalente para lavar a areia e se Jeniffer não estivesse no meio de um divórcio e desesperada por alguém com quem desabafar, a história poderia ter tido um final diferente.

Zoe responde:

– Não sei. Acho que sim.

– Precisamos de outro?

Sem resposta.

– Alguma outra coisa aconteceu? Alguma coisa *boa*?

Ela balança a cabeça.

E isso, em poucas palavras, é o dia péssimo de Zoe.

Ela é dispensada da mesa sem comer o seu chili. Heidi a convence a comer

alguns pedaços da broa de milho e beber um copo de leite e depois a manda para o quarto, para terminar seu dever de casa, o que nos deixa sozinhos. De novo, meu celular toca. Heidi se levanta para preparar os pratos para colocar na lava-louças, e eu me pergunto se estou ou não dispensado. Então, resolvo apanhar alguns pratos da mesa e os levo para Heidi, que está jogando o chili de Zoe no lixo.

– O chili estava bom – minto. Não estava. Empilho os pratos na bancada e me coloco atrás dela, minha mão pousada sobre a lã xadrez vermelha.

– Quem vai para São Francisco? – pergunta. Ela fecha a torneira e se vira para olhar para mim e eu me inclino em sua direção, lembrando-me como é quando estou com ela, uma familiaridade tão enraizada em nós dois; é natural, um hábito, uma segunda natureza. Estou com Heidi por quase metade da minha vida. Sei o que ela dirá antes que fale. Conheço sua linguagem corporal, o que cada gesto significa. Conheço seu olhar convidativo, quando Zoe está dormindo fora, ou bem depois de ela estar na cama. Estou consciente dele agora. Quando ela desliza os braços ao meu redor e me puxa para si, cruzando as mãos nas minhas costas, não é um gesto de afeto; é uma demonstração de posse.

Você é meu.

– Apenas algumas pessoas do escritório – respondo.

De novo, com olhos imensos e inquisitivos. Ela quer que eu elabore a resposta.

– Tom – digo –, e Henry Tomlin. – Então hesito e, provavelmente, a hesitação me entrega. – Cassidy Knudsen – admito, manso, falando o último nome como se ela não soubesse quem é Cassidy. Cassidy Knudsen, com K mudo.

E, com isso, Heidi tira as mãos de mim e se volta para a pia.

– É uma viagem de negócios – lembro a ela. – Somente negócios – digo, enquanto afundo o rosto em seu cabelo. Cheira a morangos, doces e suculentos, combinado com uma mistura de cheiros da cidade: a sujeira da rua, estranhos no trem, o cheiro da umidade da chuva.

– *Ela* sabe disso? – inquire Heidi.

– Vou garantir que saiba – respondo. E quando a conversa morre, a cozinha fica em silêncio, com exceção do som grosseiro da lava-louças fazendo seu

trabalho. Aproveito a oportunidade e escapo, indo para o quarto fazer a mala.

Não é minha culpa eu ter uma colega de trabalho tão atraente.

HEIDI

Quando acordo pela manhã, Chris já saiu. Ao meu lado, sobre o velho criado-mudo de madeira, há uma xícara de café, morna e provavelmente cheia até a borda com creme de avelã, mas, ainda assim, café. Sento-me na cama e pego a xícara e o controle remoto e, ligando a televisão sem vida, deparo com a previsão do tempo. Chuva.

Quando finalmente consigo ultrapassar o corredor e chegar à cozinha, passando pelas fotografias de Zoe, do jardim de infância até o sétimo ano, eu a encontro lá, colocando leite e cereal em uma tigela.

– Bom dia – digo e ela se assusta. – Você dormiu bem? – pergunto e beijo sua testa, cautelosa. Ela fica paralisada, desconfortável com gestos sentimentais nessa idade. E ainda assim, como sua mãe, sinto a necessidade de demonstrar minha afeição; um bater de mãos – ou um aperto de mão secreto, como o que Chris e Zoe compartilham – simplesmente não são suficientes, então a beijo e a sinto se afastar, sabendo que eu plantei meu amor do dia.

Zoe já está vestida com seu uniforme escolar: a saia xadrez de jérsei plissado e um cardigã azul-marinho, os sapatos de fivela e camurça que ela odeia.

– Sim – responde e leva sua tigela até a mesa da cozinha.

– Que tal um pouco de suco?

– Não estou com sede. – No entanto, noto como desvia seu olhar para a cafeteira, uma porta que ela abriu antes e que eu fechei com firmeza. Ninguém, aos doze anos, precisa de um estimulante para sobreviver à manhã. Completo minha caneca, coloco bastante creme e me sento ao lado de Zoe, com uma tigela cheia de aveia com passas e tento conversar sobre o dia que começa. Sou inundada com vários “sins” e “não sei” e então ela foge para escovar os dentes e sou deixada com o silêncio da cozinha, ao som da percussão constante das

gotas de chuva no parapeito da janela.

Saímos para o dia úmido, passando por um vizinho no corredor. Graham. Está pressionando os botões de um relógio da moda, o dispositivo soltava vários *bips* e *blips*. Ele sorri para si mesmo, claramente satisfeito.

– Que bom encontrá-las aqui, senhoras – diz ele, com o sorriso mais debochado que já vi. O longo cabelo louro de Graham cai em uma testa oleosa, mechas que logo estarão em pé, graças à quantidade generosa de gel. Ele está molhado de chuva ou de suor; honestamente, não sei dizer.

Graham está voltando para casa de sua corrida matinal ao longo da margem do lago, vestido dos pés à cabeça com artigos da Nike, um relógio caro que indica os quilômetros corridos e as pausas. Suas roupas combinam muito bem, uma faixa verde-limão em seu casaco orna com outra verde-limão em seus tênis.

Ele é o que alguém poderia chamar de metrossexual, ainda que Chris tenha certeza de que há mais que isso.

– Bom dia, Graham – digo. – Como foi a corrida?

Encostado na parede cor de trigo com lambris brancos, ele esguicha um gole de água na boca e diz:

– Incrível. – Há uma expressão de euforia em seu rosto que faz Zoe corar. Ela encara seus sapatos, chutando uma sujeira invisível de um pé a outro.

Graham é um órfão com trinta e poucos anos, que vive nesse prédio porque o apartamento ao lado do nosso foi deixado para ele no testamento da mãe, quando ela morreu, anos e anos atrás, e Graham, por consequência, apareceu como um bandido, tomando posse não só da herança, mas de centenas de milhares de dólares em um acordo com o hospital, também, dinheiro que ele está gastando devagar em relógios da moda, vinhos caros e em decoração extravagante para sua casa.

Ele planejava colocar o apartamento à venda depois que sua mãe morreu, mas, em vez disso, mudou-se para ele. Caminhões de mudança trocaram toda a mobília eclética e pertences da mãe pelos móveis modernos de Graham, tão elegantes e estilosos que era como se tivessem saído das páginas de um catálogo da Design Within Reach: as linhas claras e os ângulos ousados, as cores neutras.

Ele era um minimalista, o apartamento tinha poucos móveis, mas folhas e folhas de papel para computador cobriam o chão.

"Gay", dissera-me Chris, depois que entramos no novo apartamento de Graham pela primeira vez. Não foi apenas a decoração que chamou a atenção de Chris, mas os *closets* cheios de roupas – mais roupas do que jamais tive – que ele deixou abertos de propósito para vermos. "Guarde minhas palavras. Você vai ver."

E ainda assim, as mulheres apareciam com regularidade, tão deslumbrantes que me deixavam até sem palavras. Mulheres com cabelos louros tingidos e olhos de um azul artificial, com o corpo parecido com o da boneca Barbie.

Graham tinha chegado quando Zoe ainda era bebê. Ela pareceu atraída por ele como moscas são atraídas por uma tigela de bananas amadurecendo. Como um escritor *freelance*, Graham estava sempre em casa, com os olhos fixos na tela do computador e quase tendo uma overdose de cafeína e insegurança. Ele veio ao nosso socorro mais de uma vez quando Zoe estava doente e nem eu nem Chris podíamos faltar ao trabalho. Ele a recebia em seu sofá estofado onde, juntos, assistiam a desenhos animados. Ele era a resposta quando precisávamos de um punhado de manteiga, um lençol seco ou alguém para segurar a porta. Ele também era o melhor em narração, ajudando Zoe com seu dever de casa de inglês quando eu e Chris não podíamos. Ele era um especialista em rechear perus, algo que eu me descobri incapaz de fazer a certa altura da vida, quando tentei preparar um jantar de Ação de Graças para meus sogros.

Resumindo, Graham era um bom amigo.

– Vocês duas deveriam se juntar a mim qualquer dia desses – disse ele sobre a corrida. Vejo a quantidade exorbitante de garrafas de água presas à sua cintura e acho melhor não.

– Você lamentaria se eu fizesse isso – digo a ele, observando-o bagunçar o cabelo de Zoe enquanto ela cora de novo, desta vez o tom rosado não tem nada a ver com as insinuações sexuais dele.

– E você? – pergunta ele a Zoe e ela dá de ombros. Ter doze anos tem suas vantagens, o fato de que um movimento de ombros e um sorriso tímido consegue tirá-la do foco. – Pense nisso – diz ele, dando aquele sorriso

debochado, os dentes enfileirados como crianças bem-comportadas na escola, de um branco impecável. A insinuação de pelos faciais onde ele ainda tinha de barbear, os olhos cerrados, que Zoe evita como se fossem praga. Não porque ela não goste dele. Mas, sim, porque gosta.

Despedimo-nos e saímos para a chuva.

Levo Zoe a pé até a escola antes de seguir para o trabalho. Zoe frequenta uma escola católica em nossa vizinhança, situada ao lado de uma feia igreja bizantina, com seus tijolos acinzentados na fachada, suas portas de madeira pesada, sua cúpula celestial que alcança o céu. A igreja é inteiramente decorada, dos murais dourados que vão de parede a parede aos vitrais e altar de mármore. A escola fica atrás dela, escondida, um prédio comum de tijolos com um parquinho e uma multidão de crianças com uniformes xadrezes combinando, escondidas sob capas de chuva multicoloridas, suas mochilas muito gordas para o corpo magrinho delas. Zoe foge de mim com um mero "tchau" e eu observo, da esquina, enquanto ela se reúne com outros estudantes do sétimo ano e corre da rua empoçada para o prédio seco, mantendo-se afastada dos pequeninos – aqueles que se agarram às pernas dos pais e juram que "não querem ir" – como se tivessem algum problema de comunicação.

Observo até ela estar dentro do prédio, e então continuo o meu caminho até a estação Fullerton. Em algum ponto, no caminho, a chuva, com toda a sua urgência, transforma-se em um temporal, e me vejo correndo, desajeitada, rua abaixo, meus pés pisando em poças, espirrando água suja da chuva nas minhas pernas.

A menina e sua bebê me vêm à mente e me pergunto se elas também estão em algum lugar, sendo castigadas pela chuva.

Quando chego à estação, uso meu cartão de embarque para destravar a catraca, depois subo os degraus escorregadios, imaginando se eu as verei: a menina e sua bebê, mas elas não estão lá. Claro que fico grata pela criança e sua mãe não estarem na plataforma neste clima horrível, mas minha mente começa a imaginar: onde estão e, o mais importante, estão seguras? Secas? Aquecidas? É a definição de agridoce. Espero, com impaciência, pelo trem e, quando ele

chega, entro nele, meus olhos presos à janela meio que esperando que apareçam a qualquer segundo: o casaco verde-oliva e as botas amarradas, a mala de couro *vintage* e o cobertor rosado de lã macia, a cabeça cor de creme da bebê exposta como uma plumagem escassa e delicada, e seu sorriso desdentado.

No trabalho, uma excursão de estudos do terceiro ano chega ao nosso centro de alfabetização. Com um punhado de voluntários, lemos poesia para os estudantes e eles tentam escrever e ilustrar poemas deles mesmos, que os mais atrevidos compartilham com o grupo. Os estudantes que vêm ao centro são, quase todos, de classe baixa, das vizinhanças urbanas, a maioria afro-americanos ou latinos. Muitos vêm de lares com renda baixa onde se fala outra língua que não o inglês – espanhol, polonês, chinês.

Várias dessas crianças vêm de famílias cujos pais trabalham, se é que ainda estão por perto. Muitas são filhas de mães ou pais solteiros. Várias são crianças que ficam trancadas, passando suas tardes e noites sozinhas. São assoladas por problemas mais urgentes: alimentação e moradia, para ser exata. Uma manhã em nosso centro é mais do que alfabetização e amor por sonetos e haicais. É também o sentimento que toma conta das crianças quando elas entram por nossas portas (quietas, resmungando sobre a tarefa que têm em mãos) e a coragem com que partem, depois de algumas horas de trabalho duro e atenção irrestrita de nossa equipe.

Mas, quando se vão, os pensamentos na menina e seu bebê voltam.

A chuva cedeu, dando lugar a uma garoa, quando chega a hora do almoço. Abotoo minha capa de chuva e saio, descendo a State Street, enquanto como alguma barrinha saudável de granola no lugar de um almoço, e vou para a biblioteca para apanhar um livro que eu tinha reservado em um empréstimo interbibliotecas. Eu adoro a biblioteca, com seu átrio iluminado pela luz do Sol (embora não haja luz do Sol hoje) e suas gárgulas grotescas de granito, e milhões e milhões de livros. Adoro o silêncio da biblioteca, a entrada para o conhecimento, para o idioma francês e história medieval, engenharia hidráulica e contos de fadas, a possibilidade de aprender de um modo bem primitivo: livros, uma coisa que cedeu espaço muito rápido à tecnologia moderna.

Paro ao lado de uma mendiga encostada contra a parede de tijolos vermelhos

do prédio e coloco algumas notas de dinheiro em sua mão. Quando ela sorri para mim, vejo que vários de seus dentes estão faltando; sua cabeça está coberta por um chapéu fino que deveria mantê-la aquecida. Ela murmura um "obrigada", inarticulado e de difícil compreensão, pelos dentes que ela provavelmente apodreceu com o uso de metanfetamina.

Encontro meu livro na prateleira de reservas e, depois, uso uma série de elevadores para chegar ao sétimo andar, passando pelos seguranças e por excursões das escolas primárias, vagando entre homens errantes e grupos de mulheres conversando muito alto para quem estava em uma biblioteca. O lugar está aquecido e sereno, e completamente convidativo, enquanto caminho na direção dos corredores de literatura, procurando alguma coisa agradável para ler, o último best-seller do *The New York Times*.

E é lá que a vejo, a garota com sua bebê, sentada com as pernas cruzadas, no chão, entre os corredores de literatura, a bebê deitada em seu colo, sua cabeça mais elevada pelo joelho da garota. A mala está no chão, ao seu lado. A garota, pelo que parece, está agradecida por estar livre de seu peso por um tempo. Ela pega uma mamadeira do bolso do seu casaco verde-oliva e a coloca na boca faminta da bebê. Então se levanta e apanha um livro da estante mais baixa – enquanto eu me esgueiro para o corredor mais próximo, pegando um suspense de ficção científica e abrindo na página quarenta e sete. Ouço a voz dela, suave, lendo em voz alta *Anne de Green Gables*, enquanto acaricia os dedos dos pés da bebê.

A bebê está calma. Espio entre as prateleiras de metal, enquanto a criança consome a mamadeira, até chegar a um restinho de líquido e, então, seus olhos ficam muito pesados para ser mantidos abertos e, devagar, se fecham; seu corpo gravita até a letargia, imóvel com exceção dos movimentos involuntários aqui e ali. Sua mãe continua a ler, a acariciar seus pequenos dedos dos pés e, de repente, eu estava testemunhando um momento muito pessoal entre mãe e filha.

Uma bibliotecária aparece.

– Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa? – pergunta e me assusto, segurando o suspense de ficção científica. Sinto-me culpada, nervosa, minha

capa de chuva ainda está pingando água. A bibliotecária sorri. Sua feição é tranquila e amável.

– Não – respondo com rapidez e em voz baixa. Não quero acordar a bebê. Sussurro: – Não. Acabei de encontrar. – E corro para os elevadores e escada para retirar meu novo livro.

No caminho de volta para casa, paro na locadora de vídeo e alugo um filme, um "filme de garotas" para Zoe e para mim, um pacote de pipocas para micro-ondas, sem gordura. Chris sempre foi um guerreiro solitário. Quando mais nova, Zoe foi afetada, de forma negativa, por seu pai "aqui num instante, indo embora no seguinte". Quando ele viajava, inventávamos coisas divertidas para fazer quando não podíamos estar com o papai: noites de filme e dormir juntas na cama grande, panquecas para o jantar, inventar histórias nas quais Chris é um viajante do tempo (muito mais divertido), em vez de um investidor bancário viajante (chato).

Tomo o elevador até o quinto andar do nosso prédio antigo e, quando entro em nosso apartamento, encontro tudo em silêncio, escuro, estranho. Em geral, é o som ensurdecedor do rádio de Zoe que me dá as boas-vindas. Mas hoje só há silêncio. Acendo a luz da sala de estar e chamo seu nome. Bato na porta de seu quarto. Consigo ver a luz vazando pela parte de baixo da porta dela, mas não obtenho resposta. Entro.

Zoe, ainda vestida com seu uniforme xadrez – o que é uma raridade nos dias de hoje – está esparramada no chão, sobre o tapete cor creme que cobre as tábuas de madeira do piso. Seu uniforme é trocado, em geral, por alguma roupa mais gráfica, com lantejoulas ou tachinhas, assim que ela entra em casa. Consigo ver que ela está respirando – dormindo – então não entro em pânico. Mas a observo, ela está abraçando aquele caderno amarelo. Ela está enrolada em um cobertor macio, com a cabeça sobre um travesseiro onde se lê "Abraços e Beijos". Seu aquecedor, que Chris comprou depois das várias reclamações de Zoe sobre como seu quarto era muito frio, estava em vinte e seis graus. Seu quarto está quente, um forno, e Zoe, deitada a sessenta centímetros do aparelho, está sendo cozida. Seu rosto está vermelho; é uma bênção o cobertor

não ter pegado fogo. Aperto o botão, desligando o aquecedor, mas levará horas para o quarto resfriar.

Meus olhos vagam pelo espaço, uma coisa que Zoe desaprovaria se estivesse acordada: a parede de tijolos aparentes que surge ao acaso, a razão, deduziu Chris, do quarto de Zoe ser tão frio; sua cama de dossel desfeita, com a colcha de retalhos; os muitos pôsteres de celebridades adolescentes e paraísos tropicais ocupando as paredes. Sua mochila está no chão, aberta, a barrinha de granola que enfiei na mão dela, para um lanche depois da escola, intocada. Anotações das aulas espalhadas pelo chão, amassadas. As gatas estavam ao lado de Zoe, roubando para si parte daquele calor febril.

Passo as mãos por seu cabelo comprido e chamo seu nome uma vez e depois de novo. Quando ela acorda, senta-se rápido, com os olhos arregalados, como se tivesse sido pega fazendo alguma coisa errada. Alguma coisa ruim. Levanta-se, as gatas se assustam, e ela joga o cobertor em sua cama.

– Eu estava cansada – diz ela, explicando-se, seus olhos examinam o quarto, ela se pergunta se, por acaso, encontrei alguma transgressão. Nenhuma. São quase sete da noite e, do lado de fora, em algum lugar atrás das nuvens pesadas e escuras, o Sol está começando a se pôr. Chris, em São Francisco, está prestes a se sentar para um jantar exagerado em algum restaurante extravagante, estudando Cassidy Knudsen do outro lado da mesa. Afasto esse pensamento da minha mente.

– Então fico feliz de você ter tirado uma soneca – digo a ela, examinando os vincos em seu rosto, seus olhos castanhos, exaustos. – Como foi seu dia?

– Bom – responde ela, pegando o caderno amarelo do chão. Ela se agarra a ele como um bebê lêmure se agarra à sua mãe.

– A sra. Peters estava lá?

– Não.

– Ela deve estar doente de verdade – digo. A gripe parece estar surgindo mais tarde neste ano. – A mesma substituta apareceu? A *chata*?

Zoe assente. Sim. A chata.

– Vou começar a fazer o jantar – digo a ela, mas para minha surpresa, ela diz:

– Já comi.

– Hein?

– Eu estava com fome. Depois da escola. Não sabia que horas você chegaria em casa.

– Tudo bem – digo a ela. – O que você comeu?

– Queijo quente – responde ela e depois, para equilibrar a balança, completa – e uma maçã.

– Certo.

Percebo que ainda estou vestindo minha capa de chuva, galochas e ainda estou com minha bolsa. Animada, apanho o filme e a pipoca de dentro dela.

– Está a fim de uma noite de filme? – pergunto. – Só você e eu?

Ela fica em silêncio, seu rosto não demonstra nenhuma emoção, nenhum sorriso animado como o tolo que estampo em meu rosto. Pressinto o "não" muito antes de ele ser dito.

– É que... – responde ela. – Tenho uma prova amanhã. Matemática.

Coloco o filme de volta na minha bolsa. Lá se vai nossa noite de cinema.

– Então posso ajudá-la a estudar – digo.

– Tudo bem. Fiz anotações – e ela as mostra como prova.

Tento não me importar demais, pois sei que houve um tempo em que tive doze – ou dezesseis, dezessete anos – e teria preferido tratar um canal dentário a passar algum tempo com minha mãe.

Assinto.

– Tudo bem – digo e saio do quarto. E, tão silenciosa quanto um rato, ela fecha e tranca a porta atrás de mim.

CHRIS

Estamos acomodados em um quarto de hotel: Henry, Tom, Cassidy e eu. É o meu quarto. Há uma metade de pizza de pepperoni não comida (carne!) em cima da televisão, latas de refrigerante abertas e espalhadas pelo quarto. Henry está no banheiro, passando mal, imagino, pois está lá há muito tempo. Tom está ao telefone, no canto, com um dedo pressionado no ouvido para conseguir escutar. Há gráficos em pizza e em barras espalhados sobre minha cama, pratos de papel usados em todos os lugares, sobre a mesa, no chão. O prato de Cassidy está na ponta da mesa, aquele com fatias de pepperoni tiradas da pizza e empilhadas sem que fossem tocadas, ao lado de sua lata de refrigerante *diet*. Roubo uma rodela de pepperoni e a enfio na boca e, quando Cassidy olha para mim, dou de ombros e pergunto:

– O que foi? Heidi está evitando carne nos últimos dias. Tornei-me deficiente em proteína.

– O filé à Nova York não satisfez seu desejo? – pergunta ela. Está sorrindo. Um tipo travesso de sorriso. Cassidy Knudsen tem vinte e poucos anos, acabou de sair de um MBA. Está trabalhando conosco há dez meses. É um tipo de gênio, mas não do modo estranho, *nerd*. O tipo que consegue usar palavras como *fiduciário* e *cobertura de riscos* e soar legal. Parece um poste, alta e magra, com uma auréola sobre a cabeça.

– Se eu quisesse minha mulher aqui, eu a teria trazido.

Ela está sentada na ponta da minha cama. Veste uma daquelas saias-lápis e sapatos de salto de sete centímetros. Uma mulher da altura de Cassidy não precisa desse tipo de salto, o que torna tudo ainda mais excitante. Ela passa as mãos por seu cabelo louro-champanhe, liso, com um corte médio e diz para mim:

– *Touché*.

Do lado de fora da janela, o horizonte de São Francisco ilumina a noite. As cortinas pesadas do hotel estão abertas. Do ângulo certo, conseguimos ver a Transamerica Pyramid, no 555 da California Street, e a baía de São Francisco. Passa das nove da noite. No quarto ao lado do nosso, a televisão está em um volume alto, o som da pré-temporada de beisebol atravessa as paredes. Pego outro pedaço do pepperoni no prato de Cassidy e escuto: Giants estão ganhando por três a dois.

Henry volta do banheiro e tentamos ignorar o fedor que o segue.

– Chris – diz ele, oferecendo seu celular com a mão estendida. Pergunto-me se ele lavou aquela mão. Imagino que ele esteve com o celular todo o tempo que passou no banheiro. Henry não é o cara mais classudo do mundo. Na verdade, quando ele sai do banheiro, vejo que o zíper de sua calça está abaixado e diria a ele, mas ele acabou de empestear meu quarto com aquele cheiro. – Aaron Swindler quer falar com você – pego o celular de sua mão, observo quando ele enfia outro pedaço de pizza em sua boca e perco meu apetite em segundos.

Não é coincidência que o nome do futuro cliente seja Swindler. Faço uso da minha melhor voz de vendedor e vou até meu próprio canto do quarto apertado.

– Senhor Swindler – digo –, como estão os Giants? – Posso apostar, pelos rugidos do quarto ao lado, que os Giants não estão mais ganhando este jogo.

Eu nem sempre quis ser um investidor. Aos seis anos, tinha todo tipo de objetivos grandiosos: ser astronauta, jogador de basquete profissional, barbeiro (parecia uma profissão nobre na época, um tipo de cirurgião capilar). Conforme fui envelhecendo, deixou de ser pela carreira em si, mas, sim, pelo quanto ela pagava. Eu antevia uma cobertura na Costa Dourada, um carro esportivo caro, pessoas olhando para mim. Pensei em advogados e doutores, pilotos, mas nada disso me interessou. Quando chegou a faculdade, eu estava tão ávido por dinheiro que me especializei em finanças só porque pareceu a coisa certa a fazer. Sentar-me na sala de aula com outras crianças mimadas e conversar sobre *dinheiro*. Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Isso é, muito provável e em retrospecto, o que me atraiu em Heidi quando nos conhecemos. Ela não era obcecada com dinheiro como todo o mundo que eu

conhecia. Era obcecada com a falta dele, com os pobres, quando tudo que me preocupava era o oposto. Quem tinha mais dinheiro e como eu poderia colocar minhas mãos em algum?

Aaron Swindler está falando sobre derivativos e ouço meu próprio celular tocar do outro lado do quarto, ele está sobre o edredom listrado, ao lado de Cassidy e, agora, Henry, que, com quarenta anos e sendo um solteirão famoso, encara de forma nada sutil a meia-calça transparente que cobre as pernas dela. Estou esperando por uma ligação importante, uma que não posso perder, então sinalizo à Cassidy para ela atender meu celular e a ouço dizer:

– Oi, Heidi.

Eu murcho, como um balão de hélio depois de uma festa. *Merda*. Levanto um dedo para Cassidy – *coloque na espera* –, mas já que Aaron Swindler não para de falar sobre os derivativos, sou forçado a ouvir a conversa prolongada entre Cassidy e minha mulher, sobre o voo até São Francisco, o jantar em uma churrascaria cara e a droga do tempo.

Heidi encontrou Cassidy exatas três vezes. Sei disso porque, depois de cada um daqueles encontros, fui bombardeado com um tratamento silencioso, como se eu tivesse alguma coisa a ver com a contratação de Cassidy para nossa equipe ou com a boa aparência dela. A primeira vez em que elas se encontraram foi no verão anterior, em um piquenique de trabalho, no jardim botânico. Eu nunca tinha mencionado Cassidy à Heidi. Ela estava trabalhando conosco havia apenas seis semanas. Não pareceu a coisa necessária ou prudente a ser feita. Mas, quando Cassidy se sentou perto de nós, usando um longo vestido de verão sem alças – estávamos à sombra de uma árvore, sob um calor de quase trinta e dois graus, suando e nos sentindo completamente oleosos –, notei que Heidi esticou, desajeitada, sua saia jeans e uma blusa, e que ela estava transpirando visivelmente. Vi todos os seus pedaços de autoconfiança se dissolverem.

– Quem é ela? – perguntou-me Heidi mais tarde, depois dos sorrisos falsos e dos "tão bom conhecê-la" que se seguiram, depois de Cassidy se afastar em busca de outro casamento feliz que ela poderia desestabilizar. – Sua secretária?

Nunca soube o que Heidi quis dizer com isso, se teria sido melhor ou pior se Cassidy Knudsen fosse minha secretária.

Mais tarde, em casa, flagrei Heidi arrancando insignificantes cabelos grisalhos de sua cabeça com uma pinça. Logo depois, produtos de beleza apareceram em nossa penteadeira, aqueles com agentes antirrugas e promessas de desafiar a passagem do tempo.

Era disso que eu estava me lembrando enquanto devolvia o celular de Henry para ele, certificando-me de falar "Aqui, Henry", em um tom alto, assim Heidi, lá em nossa casa em Chicago, saberia que Cassidy e eu não estávamos sozinhos, e corri para o corredor com meu celular. Heidi é uma mulher bonita, não me entenda mal. Maravilhosa. Ninguém adivinharia que havia uma década de diferença de idade entre Cassidy e minha mulher.

E ainda assim, Heidi sabia.

– Ei – digo.

– O que é tudo isso? – pergunta ela. Eu a vejo em casa, na cama, de pijama de lã vermelha ou talvez uma camisola de bolinhas, que Zoe escolheu para ela como presente de aniversário. A televisão do nosso quarto estava sintonizada no noticiário; o *laptop* dela, sobre suas pernas. O cabelo de Heidi preso em um daqueles coques bagunçados – qualquer coisa para tirá-lo de seus olhos – enquanto ela faz uma pesquisa on-line sobre as favelas de Dharavi ou talvez sobre estatísticas de pobreza ao redor do mundo. Não sei. Talvez, quando não estou em casa, ela assista à pornografia. Não. Mudo de ideia. Heidi não faria isso. Tem muita classe para buscar esse tipo de coisa. Talvez esteja procurando por algum uso prático para carne vegetariana. Comida para gato? *Areia* para gato?

– Isso o quê? – pergunto, fazendo-me de idiota. Como se eu não tivesse percebido. O corredor do hotel é coberto com o papel de parede mais entediante, algum tipo de desenho geométrico vermelho que faz minha cabeça doer.

– Cassidy atendendo ao seu celular.

– Ah – digo. – Isso. – Conto a ela sobre meu telefonema com Aaron Swindler e então mudo de assunto o mais rápido que consigo, falando sobre a primeira coisa que me vem à mente. – Ainda está chovendo aí? – pergunto. Não pode haver coisa mais mundana do que conversar sobre o tempo.

– Está chovendo. O dia todo.

– O que você está fazendo acordada tão tarde? – pergunto. Passa das onze da noite em Chicago.

– Não consigo dormir – responde ela.

– Porque você sente minha falta – digo, embora saibamos, é claro, que não se trata disso. É mais comum eu não estar lá do que estar, tem sido assim desde que começamos a namorar. Heidi está acostumada com minha ausência. Como dizem: a ausência faz crescer a saudade. De qualquer forma, é isso que ela responde, quando pergunto se sente minha falta. Acho que, em segredo, ela gosta de ter a cama inteira só para si. Ela dorme de bruços – e é uma ladra de cobertor – com uma predileção por dormir em sentido diagonal. Nesse assunto em particular, é bom para nosso casamento quando durmo fora de casa.

– Claro – responde ela. E então, completa com o esperado: – A ausência faz crescer a saudade.

– Quem disse isso? – pergunto.

– Não tenho certeza. – Posso ouvir seus dedos digitando no *laptop*. Clique, clique, clique. – Como estão as coisas?

– Boas – respondo e desejo que ela não aprofunde a conversa.

Mas ela não cumpre meu desejo. Não minha Heidi.

– Apenas boas? – pergunta, e sou obrigado a relatar as notícias sobre o atraso do voo, devido à chuva, seguido por turbulência e um copo de suco de laranja derrubado, almoço com um cliente no Fisherman's Wharf, os motivos pelos quais não gosto de Aaron Swindler.

Mas quando lhe pergunto sobre seu dia, é sobre Zoe que ela quer conversar.

– Ela está estranha – diz Heidi.

Eu rio. Deslizo pelo papel de parede e me sento no chão.

– Ela tem doze anos, Heidi – digo. – É de se esperar que seja um pouco estranha.

– Ela estava tirando uma soneca.

– Então estava cansada – digo.

– Ela tem doze anos, Chris. Pré-adolescentes dessa idade não tiram uma soneca.

– Talvez esteja ficando doente. A gripe, sabe – digo –, está por aí.

– Talvez – diz ela, mas completa – ela não parecia doente.

– Não sei, Heidi. Faz tempo que eu tive doze anos. E, além disso, sou um homem. Não sei. É provável que seja um estirão de crescimento, alguma coisa ligada à puberdade. Talvez ela apenas não esteja dormindo bem.

Mas tudo que ouço é o queixo de Heidi cair.

– Você acha que Zoe está passando pela *puberdade*? – pergunta ela. Se fosse do modo que Heidi queria, Zoe teria permanecido nas fraldas e nos pijamas de lã pelo resto de sua vida. Ela não espera por uma resposta. – Não – diz, decidindo por si mesma. – Não ainda. Zoe não teve a sua primeira menstruação.

Eu me encolho. Odeio aquela palavra. *Menstruação. Menstruar. Fluxo menstrual*. A ideia de minha filha usando absorventes – ou eu ter de ouvir sobre isso – enche-me de medo.

– Pergunte a Jennifer – digo. – Pergunte para Jennifer se Taylor está... – faço uma careta e me forço a dizer a palavra – menstruando. – Sei como as mulheres são. Um pouco de camaradagem pode consertar tudo. Se Taylor estiver passando pela puberdade também, e Heidi e Jennifer puderem telefonar e mandar mensagens uma para a outra sobre pelos pubianos emergentes e sutiãs, então tudo ficará bem.

– Farei isso – diz ela, decidida. – É uma boa ideia. Vou perguntar a Jennifer. – Heidi fica em silêncio, os pensamentos preocupados que consomem sua mente a calaram por um momento. Imagino-a fechando o *laptop*, colocando-o no meu lado da cama: um amigo no qual se aninhar à noite. – Chris – diz ela.

– O quê?

Mas ela reconsidera.

– Não importa.

– O que é? – pergunto de novo. Um casal caminha pelo corredor de mãos dadas. Puxo minhas pernas para deixá-los passar. A mulher, com uma voz em um tom muito superior, diz: “Desculpe-me, senhor”, e eu assinto em resposta. Eles devem ter sessenta e cinco anos, e ainda se dão as mãos. Observo-os, com suas calças cáquis combinando e casacos leves e me lembro que Heidi e eu raramente damos as mãos. Somos como as rodas de um carro: em sintonia, mas também independentes.

– Não é nada.

– Tem certeza?

– Sim – responde ela. – Conversaremos sobre isso quando você voltar para casa. – E pela primeira vez, ela decide que está cansada. Eu a vejo se afundar cada vez mais sob as cobertas, um edredom grosso que me faz suar, mesmo no inverno mais congelante. Imagino as luzes do quarto apagadas, a televisão desligada, os óculos de Heidi no criado-mudo ao lado de nossa cama, como é nossa rotina de sempre.

Uma imagem invade minha cabeça, sem que eu a tenha procurado ou desejado, e a afasto o mais rápido possível, como uma bola de canhão. *O que Cassidy Knudsen usa para dormir?*

– Tudo bem – respondo. De dentro do meu quarto de hotel, alguém bate na porta. Sou necessário lá. Levanto-me e digo a Heidi que preciso ir e ela diz que tudo bem. Dizemos nossos boa-noite. Digo que a amo. Ela diz "eu também", como sempre faz, embora ambos saibamos que são apenas palavras. É só uma coisa nossa.

Quando volto para o quarto de hotel e espio Cassidy vestida com sua saia-lápis e saltos de sete centímetros, ainda sentada na ponta da minha cama, não consigo evitar de me perguntar: *Uma camisola de cetim? Um baby-doll com babados?*

HEIDI

Acordo com uma imagem de Cassidy Knudsen na cabeça e me pergunto se estive sonhando com ela ou se ela chegou até mim junto da luz da manhã, uma consequência de nossa conversa desconfortável na noite anterior. Ouço a voz dela uma vez e de novo, atendendo ao celular de Chris, aquele animado *"Oi, Heidi"* que para mim soou como unhas raspando uma lousa: afiadas, estridentes, irritantes.

No trajeto para o trabalho, tento com afinco não pensar na garota e sua bebê. Não é fácil. No trem, faço o meu melhor para me concentrar em meu suspense de ficção científica e não olhar, esperançosa, pela janela suja, esperando que o casaco verde-oliva apareça. Passo minha hora do almoço com uma colega e não na biblioteca pública, embora deseje ter ido. Para vagar entre os corredores de literatura, procurando pela garota. Estou preocupada com ela, com sua bebê, imaginando onde dormem e o que comem. Penso em como ajudar, seja dando a ela dinheiro, como fiz com a mulher de dentes apodrecidos, que estava ao lado da biblioteca, ou encaminhando-a para um abrigo, um dos que atendem mulheres no centro da cidade. Isso, decido, é isso que preciso fazer, encontrar a garota e encaminhá-la para um abrigo em Kedzie, onde sei que ela e sua bebê ficarão seguras. Então, posso tirá-las da minha cabeça.

Estou prestes a fazer uma pausa nesses pensamentos – um almoço prosaico com uma colega de trabalho comum – quando meu celular toca, um telefonema de retorno da minha querida amiga Jennifer. Eu me desculpo e deixo o refeitório, vou para meu escritório para atender a ligação, esquecendo-me, por um momento passageiro, da garota e da criança.

– Você me salvou – digo, quando sento na minha cadeira dura, fria e, com certeza, não ergonômica.

– De... – diz Jennifer.

– *Taedium vitae*.

– Em inglês?

– Tédio – respondo.

Sobre minha mesa há um porta-retratos de Jennifer e Taylor, eu e Zoe, uma dessas fotografias de cabine, de cerca de quatro anos atrás, quando as meninas, com oito anos, com o rosto risonho e ensolarado e olhos animados, ainda toleravam ser vistas em público com suas mães. As meninas estavam sentadas em nossos colos, Taylor com seus olhos enormes tristes e um sorriso voltado para baixo, ao lado de Zoe; Jennifer e eu, cabeças coladas, assim todas coubemos na fotografia.

Jennifer se divorciou há anos. Nunca conheci seu ex-marido, mas, pelo que ela pinta, ele era inflexível e amargo, dado a mudanças desagradáveis de humor que resultavam em brigas eternas e inúmeras noites passadas no sofá da sala (para Jennifer, claro; seu ex-marido era muito teimoso para abrir mão da cama).

– Taylor ainda não entrou na puberdade, entrou? – Pergunto, de forma direta. Ter uma melhor amiga é uma coisa maravilhosa. Não há necessidade de pensar duas vezes, não é preciso filtrar os meus pensamentos.

– O que você quer dizer? Se ela já menstruou?

– Sim.

– Ainda não. Graças a Deus – responde ela e, simples assim, sinto um enorme alívio.

Mas então, devido à minha tendência de analisar demais as coisas, meu calcanhar de Aquiles, caso haja um:

– Você acha que elas *deveriam* estar menstruando? – questiono, tendo descoberto em várias pesquisas na internet que a primeira menstruação pode surgir mais cedo, aos oito anos, ou mais tarde, aos treze. Mas os sites que visitei sugerem que a menstruação começa dois anos depois de as meninas terem começado a desenvolver os seios. Zoe, aos doze anos, é mais lisa do que uma panqueca. – Elas não estão *atrasadas* ou coisa assim, estão?

Jennifer ouve a preocupação na minha voz. Ela trabalha como nutricionista

em um hospital local. É minha consultora para todas as coisas relacionadas à medicina, como se trabalhar em um hospital lhe fornecesse um diploma gratuito de médica.

– Não é grande coisa, Heidi. Todas amadurecem no seu próprio ritmo. Não há *uma hora marcada* – responde-me ela, assegurando-me, e, então, me fala que a adolescência de Zoe não é uma coisa que posso controlar. – Embora eu saiba que você tentará – diz ela – porque é isso que você faz. – O tipo de afirmação contundente que só uma melhor amiga pode fazer e sair impune. E eu rio, sabendo que é verdade.

E então a conversa muda para a temporada de futebol e o que as garotas pensam do uniforme fúcsia delas, se *Lucky Charms* é um nome apropriado para um time formado por um grupo de garotas de doze anos e a paixão que elas sentem por seu técnico, um garoto no meio da casa dos vinte anos, que não entrou para o time da Universidade Loyola. O técnico Sam, que todas as mães acham um sonho. E lá estávamos, Jennifer e eu, tagarelando sobre seu cabelo castanho espesso, seus olhos pretos misteriosos, seu corpo de jogador de futebol – a força e a agilidade, os músculos da panturrilha como nunca tínhamos visto iguais – deixando de lado todos os pensamentos sobre a adolescência emergente de Zoe e aquela garota e sua bebê, em minha mente. A conversa passa para o assunto garotos pré-adolescentes, como Austin Bell, que todas as garotas adoravam. Incluindo Taylor. Jennifer admite encontrar as palavras *sra. Taylor Bell* escritas no caderno de sua filha e vejo a pele pálida do braço de Zoe, o nome *Austin* tatuado com caneta cor-de-rosa, um coração sobre a letra *i*.

– Na minha época, era o Brian Bachmeier – digo, lembrando-me dos cachos espetados que adornavam a cabeça do garoto, seus olhos de cores diferentes, um azul, outro, verde. Ele se mudou para a nossa escola no ensino fundamental II, vindo de San Diego, Califórnia, o que já era de se respeitar, mas, além disso, o garoto sabia dançar as coreografias do Carlton de *Um maluco no pedaço* e da música "Tootsee roll", do grupo de hip-hop 69 Boyz. Ele era invejado por outros garotos, o único que as meninas idolatravam.

Lembro-me de pedir a ele que dançasse na minha primeira festa com convidados meninos e meninas. Lembro-me de que ele disse não. Penso em Zoe.

Em Taylor. Talvez nossas meninas não fossem tão diferentes no final das contas.

Há uma batida em minha porta. Vejo Dana, a recepcionista, pedindo-me uma sessão de tutoria com uma mulher de vinte e três anos que, recentemente, conseguiu asilo do Butão, um país pequeno, no sul da Ásia, imprensado entre a Índia e a China. Ela viveu em um campo de refugiados no país próximo, o Nepal, durante boa parte de sua vida, morando em uma cabana de bambu, com chão de terra batida, sobrevivendo à base de comida racionada, até o pai dela cometer suicídio e ela pedir asilo nos Estados Unidos. Ela falava nepalês.

Tampo o receptor do telefone com a mão e sussurro para Dana que já estou indo.

– O trabalho me chama – digo a Jennifer e confirmamos que Zoe passará a noite com Taylor na casa dela. Zoe está bastante animada com isso. Tanto que ela se lembrou de se despedir de manhã, antes de entrar na escola correndo.

O dia passa em uma velocidade excruciante de tão lenta. Lá fora, a chuva arrefece, embora o céu da cidade continue acinzentado, com os topos dos arranha-céus perdidos entre nuvens pesadas e escuras. Às cinco da tarde, eu me despeço da equipe e vou até o elevador, para descer para o primeiro andar. É raro eu sair do escritório às cinco em ponto, mas em uma noite como esta – Zoe dormindo fora e Chris em um voo atrasado, que não chegará antes das dez da noite – tenho o prazer de ter o apartamento só para mim, uma delícia simples que não acontece com frequência. Estou gostando da ideia de assistir a um filme romântico sozinha, ter o sofá só para mim, com meu pijama quente e aconchegante e devorar um pacote inteiro de pipoca sozinha (sendo possível comer uma taça de sorvete de menta com chocolate depois!).

Acima de mim, as nuvens começam a se desintegrar, o Sol está tentando duramente proporcionar um belo pôr do sol entre as fissuras formadas pelas nuvens. O ar está gelado, faz desconfortáveis quatro graus e a temperatura está caindo. Coloco luvas de couro e aperto meu capuz na cabeça, correndo com todos os outros colegas de viagem para a estação do trem suspenso. Forço meu corpo para dentro do trem lotado, onde ficamos como sardinhas em lata, todos

esmagados, sacolejando pela pista sinuosa e agitada.

Quando saio na estação Fullerton, subo os degraus molhados com cuidado. Do meu lado, um colega de viagem acende um cigarro e o cheiro de tabaco preenche o ar. Há uma lembrança nostálgica a respeito disso: faz com que eu me lembre de casa. Quando era menina, vivendo com minha família nos arredores de Cleveland, em uma casa colonial, na década de 1970, com suas paredes com texturização que minha mãe adorava; meu pai fumava Marlboro Reds, meio maço por dia. Fumava na garagem, nunca em nossa casa. Nunca no carro, quando estava comigo e com meu irmão. Minha mãe simplesmente não permitia. Ele secretava o cheiro de tabaco pelos poros de sua pele. Estava em suas roupas, em seu cabelo, em suas mãos. A garagem era saturada com esse cheiro; minha mãe afirmava que passava pela porta pesada de metal e entrava na cozinha, completamente branca, armários, bancadas, um refrigerador branco, uma mesa robusta de fazenda. Pela manhã, cinco minutos depois de sair da cama, ele já estava se esgueirando até a garagem, com seu café e seus Marlboro Reds. Ele estaria lá e eu estaria à mesa comendo meu cereal Cocoa Puffs e ele olharia para mim com o sorriso mais sedutor nos lábios (eu sabia que minha mãe soubera escolher quando se casou com meu pai) e me diria *nunca fume*, simples assim, "Nunca fume, Heidi. Nunca". E ele lavaria suas mãos e se juntaria a mim, à mesa de fazenda, para uma tigela de Cocoa Puffs.

Estou pensando em meu pai enquanto subo a escada, meus dedos, como que por instinto, vão até a aliança dourada que fica em uma corrente ao redor do meu pescoço. Tateio os sulcos e elevações da aliança, as palavras *o começo do sempre* gravadas do lado interno.

E então, por meio segundo, quase tenho certeza de que o vejo, na multidão, meu pai com seu macacão Carhartt, uma das mãos no bolso, a outra segurando um Marlboro Red, olhando diretamente para mim, quando ele sorri. Um martelo balança, pendurado no gancho de sua calça, ele usa um boné de beisebol – do Cleveland Indians – sobre uma massa bagunçada de cabelos castanhos, que minha mãe sempre lhe implorou para que cortasse.

– Papai – digo, quase em voz alta, mas então a imagem desaparece tão rápido quanto apareceu e balanço minha cabeça, lembrando-me. Não seria

possível.

Ou seria?

Claro que não, decido. Claro.

E então estou respirando aquele cheiro carcinogênico familiar – querendo, ao mesmo tempo, senti-lo e não o sentir – quando ouço um choramingo de bebê. Meu pé acaba de tocar a calçada quando o som me agarra pelo pescoço e me viro por instinto, meus olhos procuram a fonte do som.

E então a vejo, sentada sob os trilhos do trem, tremendo sob o ar gelado. Ela está encostada em uma parede de tijolos, ao lado de uma banca de jornal e uma fileira de latas de lixo, ao lado de poças d'água, sentada no concreto molhado e gelado, embalando a bebê contra seu peito. A criança está chorando. Há um *frenesi* no modo como ela a embala, a mãe de uma bebê inconsolável, momentos antes de se descontrolar. Zoe foi uma bebê com cólicas, propensa a horas intermináveis de choro intenso. Consigo deduzir isso devido à frustração e à fadiga esmagadora nos olhos da garota. Mas não consigo justificar sua presença em uma rua da cidade, em pleno anoitecer, em uma noite gelada de primavera. Não consigo explicar o modo desesperado com que ela empurra uma xícara encharcada de café (provavelmente arrancada de uma lata de lixo na vizinhança) aos passantes, implorando por dinheiro, e a maneira como as pessoas passam por ela, jogando trocados em sua xícara: vinte e cinco centavos aqui, um punhado de moedas de um centavo ali, como se qualquer quantia de troco tivesse a habilidade de salvar aquela garota de seu destino. Sinto minha respiração falhar por um momento. Essa garota é uma criança e a bebê é um *bebê*. Ninguém merece um destino desses, ficar sem um centavo e sem moradia, mas, com certeza, nenhum bebê merece isso. Penso no preço exorbitante das fórmulas para alimentação infantil e das fraldas, sabendo que, se aquela garota estivesse comprando fraldas para aquele bebê, com certeza não sobraria dinheiro para suas próprias necessidades. Para comida e abrigo, para um guarda-chuva chamativo com margaridas douradas.

Sou surpreendida por uma multidão de passageiros que deixam a plataforma. Saio do caminho, incapaz de me juntar à fila de outros assalariados, aqueles que vão se recolher em lares quentes e secos para refeições preparadas em casa.

Simplesmente não consigo. Meus pés estão congelados na calçada, meu coração, acelerado. O choro da bebê – penetrante, triste e completamente inconsolável – chocalha meus nervos. Observo a garota, o embalar frenético, ouço as palavras cansadas saírem de sua boca exausta, enquanto ela segura a xícara.

– Por favor, ajude.

Ela está pedindo, digo a mim mesma. Ela está pedindo por ajuda.

E ainda assim, as pessoas continuam seus caminhos para suas casas, sem fazer alguma coisa, escondendo sua falta de preocupação com os trocados que deixam na xícara dela, dinheiro que, em outra situação, teria ido para a lavanderia, ou algum balcão ou livraria, onde ficaria, sem uso, dentro de um porquinho rosado de cerâmica.

Sinto-me estremecer enquanto me aproximo da garota. Ela ergue o queixo quando me aproximo e, por meio segundo, nossos olhos se encontram, antes de ela esticar sua xícara e desviar o olhar. Seus olhos estão desgastados, cansados, pessimistas. Quase paro por um momento, devido ao que vejo em seus olhos. Gélidos e azuis, de um tom azulado mais frio, com muito delineador borrando a superfície de suas pálpebras inchadas. Penso em fugir. Considero tirar uma nota de vinte dólares da minha bolsa e deixar em sua xícara, e ir para casa depois. Vinte dólares é muito mais substancial do que um punhado de moedas. Vinte dólares dá para comprar o jantar por uma semana inteira, se ela for econômica. É isso que digo a mim mesma, em meu momento de hesitação. Mas então, percebo, ela provavelmente vai gastar o dinheiro com uma dessas fórmulas caras de alimento em pó infantil, colocando as necessidades da criança acima das suas. Ela está magra, mais do que Zoe, que é bem, bem magrinha.

– Deixe-me comprar seu jantar – digo, minha voz sai mais fraca do que as palavras faladas. Minha voz está baixa, incerta, quase sufocada pelos sons da cidade: táxis passando e tocando suas buzinas para os passantes que atravessavam a Fullerton; a mensagem automática *Atenção, passageiros. Um trem vindo do Loop chegará em breve*, seguido pela chegada iminente da linha marrom na plataforma acima de nós; o som do choro da criança. Pessoas passando, conversando e rindo alto, enquanto estão com seus celulares; um estrondo esquecido de um trovão ecoa pelo céu que escurecia.

– Não, obrigada – diz ela. Há amargura em suas palavras. Seria mais fácil para ela se eu deixasse meus vinte dólares e continuasse andando. Mais fácil agora, neste momento talvez, mas não quando a fome começar a devorá-la por dentro, quando o choro inconsolável da criança a fizer desabar. Ela se levanta e pega a mala de couro, segurando a bebê nos braços.

– Isso ajuda – digo, rapidamente, sabendo que ela está prestes a fugir –, deitá-los de barriga para baixo, às vezes. Assim – estendo as mãos. – Isso ajuda com a cólica. – Ela vê minhas mãos subindo e descendo e assente – até certo ponto – e digo: – Também sou mãe. – E ela me mede dos pés à cabeça, perguntando-se por que simplesmente não sigo meu caminho. Como todo mundo, deixando um trocado e indo embora.

– Há um abrigo – digo, mas ela me interrompe.

– Não vou para abrigos – diz ela. Imagino o interior de um abrigo para sem-teto: dúzias e dúzias de camas enfileiradas.

Ela é extremamente dura por fora. Endurecida e rebelde. Pergunto-me se, em seu íntimo, ela se sente assim. Veste os mesmos jeans rasgados, o mesmo casaco verde-oliva, as mesmas botas amarradas. Sua roupa está suja, molhada. Seu cabelo torto está oleoso e lambido, não foi lavado recentemente. Pergunto-me quando foi a última vez que ela tomou um banho quente, teve uma boa noite de sono. A bebê também, pelo que eu posso ver, não está limpa.

Penso em Zoe sozinha, pelas ruas. Sem-teto. A visão, totalmente hipotética, faz com que eu queira chorar. Zoe, atrevida por fora, sensível e na defensiva por dentro, implorando por moedas ao lado de uma estação. A pré-adolescente Zoe com um bebê seu, em três ou quatro anos inconsequentes.

– Por favor, deixe-me lhe comprar o jantar – digo de novo. Mas a garota está se virando e se afastando, a bebê pendurada em seu ombro de um modo esquisito, agitado, jogando seu corpinho tenso. Estou consumida pelo desespero, com essa necessidade de *fazer alguma coisa*. Mas a garota está se distanciando de mim, engolida pelo tráfego carregado na Fullerton. – Espere – digo. – Por favor, pare. Espere. – Mas ela não faz isso.

Deixo minha bolsa na calçada molhada e faço a única coisa que consigo pensar em fazer: tiro minha elegante capa de chuva impermeável e, na esquina

da Fullerton com a Halstead – onde ela espera, ansiosa, o sinal abrir para atravessar a rua cheia –, coloco o casaco sobre a bebê. Ela me olha feio.

– O que você está... – pergunta ela em um tom acusatório, mas me afasto um passo ou dois, assim ela não pode desfazer a única coisa que consigo pensar em fazer. O ar frio acerta meus braços nus, cobertos com uma túnica de mangas curtas e minha calça *legging* leve e imprestável.

– Eu estarei no Stella's – digo, quando o sinal abre para ela atravessar –, caso você mude de ideia. – E a observo se juntar à massa de pessoas que atravessam a Fullerton. O Stella's, com sua cozinha americana e panquecas vinte e quatro horas por dia. Um lugar modesto e simples. – Na Halstead – grito e ela para, no meio da rua, e me olha sobre o ombro, seu rosto nebuloso no brilho dos carros que se aproximavam. – Na Halstead – digo de novo, para o caso de ela não ter escutado.

Fico ali, na esquina, observando até não conseguir mais ver o casaco verde-oliva em meio a todas as pessoas, até não conseguir mais ouvir o choro da bebê. Uma mulher tromba em mim e pedimos desculpas ao mesmo tempo. Cruzo os braços, sentindo-me nua sob o ar da rua – mais outonal do que primaveril – e viro na Halstead, correndo para o Stella's. Estou me perguntando se a garota aparecerá, imaginando se ela sabe ou não onde fica o Stella's, se ela me ouviu ou não.

Entro correndo no restaurante familiar e a *hostess* com olhos âmbares que me recepciona pergunta:

– Sem casaco nesta noite? Você congelará até a morte – enquanto me mede, de cima a baixo, com seus olhos castanhos – meu cabelo está uma bagunça, minha roupa é insuficiente para o tempo que está fazendo. Agarro minha bolsa estampada, macia e cara, como uma confirmação, talvez, de que *eu não sou* vagabunda. Como se o fardo de ser sem-teto não fosse o bastante – a falta de comida e abrigo, de roupas limpas – há o estigma horrível sobre os sem-teto, a desgraça de acharem que eles são preguiçosos, sujos e viciados.

– Mesa para um? – pergunta-me a *hostess* – uma mulher magra, com pele branca e olhos amendoados – e respondo:

– Mesa para dois – sempre esperançosa e ela me acompanha até uma mesa

de canto, que dá para a Halstead. Peço um café com creme e açúcar e mantenho os olhos na janela, conforme as pessoas passam, tipos urbanos sofisticados, em seu caminho para casa, pessoas em seus vinte anos a caminho de um punhado de bares de faculdades em Lincoln, suas risadas atravessando as janelas de ventilação da lanchonete. Observo a vida eclética da cidade passar pela janela. Adoro observar pessoas. Homens magros com ternos escuros e sapatos de uma centena de dólares, ao lado de um grupo de *grunges* usando roupa de brechó, ao lado de mães com seus luxuosos carrinhos de bebê e velhos chamando táxis. Mas eu mal os percebo nesta noite. Tudo que procuro é a garota. Penso que a vejo uma, duas vezes. Tenho certeza de vislumbrar mechas de seu cabelo descolorido, escurecido pela sujeira e a chuva; o *nylon* de seu casaco inútil; uma bota desamarrada. Confundo uma pasta com sua mala de couro; penso que o barulho dos pneus no asfalto molhado é o choro do bebê.

Recebo uma mensagem de texto de Jennifer, dizendo que ela chegou do trabalho e que as meninas estão bem. Olho meus e-mails para passar o tempo: a maior parte se relaciona com o trabalho, há alguns que podem ir para a lixeira. Checo a previsão da meteorologia: quando vai parar de chover? Nenhuma data à vista. A garçonete, uma mulher na casa dos quarenta anos, com o mais exuberante cabelo ruivo e a pele mais pálida e invernal, oferece-se para anotar meu pedido, mas digo:

– Não, obrigada. Vou esperar meu pessoal chegar – e ela sorri com gentileza e diz:

– Claro.

Ainda assim, na falta de qualquer coisa para fazer, olho o cardápio e decido pedir uma rabanada, mas também decido que, caso meu pessoal não apareça, vou ficar só com um café. Se a garota e a bebê não chegarem até – checo meu relógio – as sete da noite, vou pagar pelo café, dar uma gorjeta substancial pelo tempo da garçonete e vou para casa, para meu filme e pipoca, e minha preocupação esmagadora com a garota e sua bebê.

Sou uma observadora de pessoas. Reparo nos clientes chegando e saindo. Observo-os comendo, babando por suas generosas porções de panquecas alemãs e hambúrgueres com fritas. Odeio com todas as forças jantar sozinha. A

garçonete volta e enche, de novo, minha xícara de café e pergunta se eu gostaria de continuar esperando. Respondo que sim.

E, assim, eu espero. Olho para meu relógio a cada dois minutos e meio. Seis e trinta e oito. Seis e quarenta. Seis e quarenta e três.

E então ela aparece. A garota e sua bebê.

WILLOW

– Heidi foi a primeira pessoa a ser gentil comigo em muito tempo.

Foi isso o que eu disse a ela, a mulher com o longo cabelo prateado, longo demais para sua idade. Senhoras idosas deviam ter o cabelo curto. Cabelo de avó. Curtos, enrolados com modeladores, do jeito que Mami fazia com os cabelos da sra. Dahl quando eu era menina, usando o modelador rosa que ela colocava na tomada para esquentar e depois se sentando atrás dela por mais de meia hora, enrolando meticulosamente cada mecha do cabelo escuro e quebradiço com o modelador e, por fim, imobilizando tudo no lugar com *spray* fixador. Nós ficávamos lá, naquele banheiro minúsculo (meu trabalho era dar os grampos para Mami), ouvindo a sra. Dahl falar sem parar sobre como as vacas da sua fazenda eram inseminadas artificialmente. Eu tinha oito anos, então não entendia nada do que elas diziam, mas repetia cada palavra estranha para mim, palavras como *s-ê-m-e-n* ou *v-u-l-v-a*.

– Então por que você fez o que fez? – pergunta ela. A mulher com o cabelo prateado longo, penteado reto. E dentes grandes. Como os dentes de um cavalo.

– Eu não queria machucá-la – digo. – Ou sua família.

Ela suspira, suspeitando de mim desde o instante em que entrou naquela sala fria. Ela ficou em pé perto da porta, só me olhando com aqueles olhos cinzentos por trás de óculos retangulares. Tinha a pele fina, fina como lenço de papel, lenço de papel usado, cheia de rugas. Seu nome, ela diz, é Louise Flores. E então ela soletra o sobrenome, F-l-o-r-e-s, como se fosse alguma coisa que eu precisasse saber.

– Vamos começar do começo – diz ela, sentando-se na outra cadeira. Ela coloca algumas coisas na mesa entre nós: um gravador, um cronômetro, um bloco de notas, uma caneta hidrográfica.

– Ela queria me pagar o jantar – digo. Tinham me dito que era melhor ser franca com a mulher de cabelos prateados. Louise Flores. Foi o que eles disseram, os outros que estavam presentes: o homem de bigode modelado e barba desenhada e a mulher vestida para matar, de preto dos pés à cabeça.

– A sra. Wood queria pagar o jantar para você?

– Sim, dona – respondo. – Heidi.

– Bem, não foi gentil da parte dela – diz ela, irônica. E daí escreve alguma coisa no bloco de notas com a caneta hidrográfica. – Você já ouviu a expressão "Não morda a mão que a alimenta"?

Quando olho fixo para o nada, ignorando a pergunta, ela insiste:

– Hein? Já ouviu? Você nunca ouviu esse ditado: "Não morda a mão que a alimenta"? – E ela está me encarando com seus olhos cinzentos, o reflexo de uma das luzes fluorescentes na lente de seus óculos retangulares.

– Não – minto, deixando meu cabelo cair na frente do meu rosto, de forma que não posso vê-la. "*O que os olhos não veem o coração não sente*." Esse eu conheço. – Nunca.

– Estou vendo que começamos bem – diz Louise Flores, com um horrível sorriso sarcástico, e pressiona o botão vermelho do gravador. E então: – Mas não quero falar da sra. Wood. Ainda não. Quero voltar ao começo. Voltar a Omaha – acrescenta, mas sei muito bem que Omaha não é o começo.

– O que vai acontecer com ela? – pergunto, ignorando-a. Eu não queria machucá-la, digo para mim mesma, juro por Deus, não queria.

– O que vai acontecer com quem? – questiona ela, apesar de saber muito bem de quem eu estou falando.

– A sra. Wood – respondo de forma seca.

Ela recosta, encaixando-se aos ângulos da cadeira.

– Você se importa mesmo, de verdade? Ou isso é só um jeito de perder tempo? – Ela me encara com um olhar vigilante, o mesmo olhar que Joseph costumava me dar. – Eu não tenho nenhuma pressa, sabe – acrescenta, cruzando os braços na frente do corpo, na frente de uma blusa muito branca. – Tenho todo o tempo do mundo. – Mas há certa urgência em sua voz, sugerindo que ela não tem todo o tempo do mundo.

– O que vai acontecer com ela? – pergunto novamente. – Com Heidi.

Imagino o calor daquela casa agradável, a cama macia, enquanto a bebê e eu nos deitamos juntas debaixo de um cobertor marrom, suave como o pelo de um coelhinho. Havia fotos nas paredes, lá naquela casa, fotos da família, eles três abraçados, sorrindo. Felizes. Era sempre quente lá, um tipo diferente de calor, um calor que você sente de dentro para fora, não de fora para dentro. Há muito tempo eu não me sentia assim, desde Mami, na verdade. Heidi foi a pessoa mais parecida com Mami que conheci nestes oito anos. Ela era gentil.

A mulher dá um risinho afetado, seus olhos cinzentos frios e sem vida, mas seus lábios finos se comprimem em um sorriso falso.

– Como diz o ditado, “nenhuma boa ação fica impune” – diz ela, e eu imagino a sra. Woods, em um uniforme laranja como eu, aquele sorriso gentil arrancado de seu rosto.

HEIDI

A garota fica ali, na Halstead, junto da entrada do restaurante, espiando pelo vidro. Sem certeza de que quer entrar. Ela veio até aqui e, ainda assim, não se decidiu. Olho pela janela e a bebê chora, ainda, embora não desconsolada. Parece mais uma manha. Ela enrolou a bebê em minha capa de chuva, e a mantém deitada horizontalmente junto da barriga da melhor maneira que pode acomodá-la com a maleta de couro em uma das mãos. Boa garota, penso. Ela estava ouvindo. Ela põe uma das mãos na porta e, por um instante, não temo mais que não apareça; repentinamente, temo que ela entre. Meu coração acelera e todo um novo problema me vem à mente: o que vou dizer a ela, agora que está aqui?

Um jovem com pressa passa por ela e quase a empurra para entrar no Stella's. Ela vacila, afastando-se da porta, e temo que tenha mudado de ideia. Esse jovem com seu ar esnobe, com gel em excesso engordurando seu cabelo, fez a garota mudar de ideia. Ele entra no ambiente aquecido do restaurante e segura a porta para a garota indecisa. Ela o olha, e então volta seus olhos pela Halstead, tentando decidir. Ficar ou partir. Ficar ou partir. Após um momento de hesitação, ele pergunta, bruscamente, o que escuto parcialmente acima do clamor de um restaurante lotado, louças tinindo e múltiplas vozes:

– Você vem ou não? – A expressão dele deixa claro que pode soltar a porta no rosto dela e da bebê.

Engulo em seco e espero pela resposta dela. Ficar ou partir. Ficar ou partir.

Ela decide que vai ficar.

A garota entra no restaurante e a *hostess* com olhos âmbares a avalia. O casaco verde-oliva e o jeans rasgado, o cheiro de mofo que exala, típico de quem vive nas ruas, a bebê, encantada de repente pelas luzes no teto, o calor do

restaurante, o barulho que a distrai, mas que, de alguma maneira, também a acalma.

– Mesa para um? – pergunta sem entusiasmo para a garota, e rapidamente eu levanto da minha cabine de canto e aceno.

– Ela está comigo – articulo, e então, finalmente, a *hostess* faz a conexão: meus braços descobertos, um casaco quente, cor de creme, envolvendo a bebê. A garçonete aponta na minha direção. A garota abre caminho entre mesas laminadas, passa por corpos obesos que se derramam das banquetas, por garçons carregando bandejas cheias de comida.

– Você veio – digo quando ela para ao lado da mesa. A bebê se vira com o som da minha voz. É a primeira vez que a vejo tão de perto, abaixo das luzes que pendem do teto. A bebê dá um sorriso desdentado, solta um arrulho, como uma pomba.

– Eu encontrei isso... – diz a garota, puxando do bolso um cartão verde familiar, que reconheço instantaneamente como o meu cartão da biblioteca – no seu casaco.

– Ah! – digo, sem me preocupar em esconder a minha surpresa. Que tolo dar o meu casaco sem checar os bolsos, e eu me lembro de tê-lo enfiado em um bolso a caminho da biblioteca municipal no outro dia, com um suspense de ficção científica em minhas mãos. Ela veio devolver o meu cartão. – Obrigada – digo. Eu o pego da mão esticada dela, sentindo a vontade irresistível de tocar a bebê. De acariciar seu rosto fofo ou varrer os poucos fios suaves de seu cabelo claro. – Você jantará comigo – digo. – Viro o cartão em minhas mãos e, então, o enfio dentro da bolsa acolchoada.

Ela não responde. Fica ali, parada ao lado mesa, os olhos – desconfiados, exaustos – voltados para baixo, para longe de mim.

– Que diferença faz para você? – questiona, sem me encarar. Suas mãos estão sujas.

– Só quero ajudar.

Ela põe a maleta no chão, entre seus pés, e ajeita a bebê instável em seu colo. A bebê, como costumam fazer sem avisar, está se agitando, possivelmente com fome, não mais interessada nas luzes do teto.

– “Não é o que o mundo reserva para você. É o que você traz para ele” – ela quase sussurra e, atônita, eu a encaro, até ela dizer: – *Anne de Green Gables.*

Anne de Green Gables. Ela está citando *Anne de Green Gables.* É claro, penso, lembrando-me dela, com a bebê no chão da biblioteca no outro dia, lendo alto o clássico de L. M. Montgomery. O que me faz imaginar que outros clássicos infantis ela lê. *O vento nos salgueiros*? *O jardim secreto*?

– Qual é o seu nome? – pergunto. Ela não me diz seu nome. Não a princípio, pelo menos. – Eu me chamo Heidi – digo, optando por começar. Parece ser a coisa certa a fazer. *Eu*, lembro a mim mesma, sou a adulta. – Heidi Wood. Eu tenho uma filha. Zoe. Ela tem doze anos.

Mencionar Zoe deve ajudar. Ela se senta após um momento, arrumando a bebê contra seu peito. Ela e a bebê escorregam de forma desajeitada pelo assento e ela puxa uma mamadeira com restos de fórmula do bolso do casaco e a enche com água gelada da mesa. Ela põe a mamadeira na boca da criança. A água é muito gelada, sem os nutrientes da fórmula ou do leite materno. A bebê esquiva por um momento e, então, aceita. Não é a primeira vez que é alimentada apenas com água. Qualquer coisa para encher o vazio em sua barriga.

– Willow.

– Esse é o seu nome? – pergunto e ela hesita, então acena. Wil-low.

Chris e eu escolhíamos nomes porque gostávamos. As alternativas – Juliet, Sophia, Alexis – seriam, acreditávamos, usadas com o tempo. Para os meninos, pensamos em Zach, para combinar com Zoe, e é claro que Chris jogou o seu próprio nome no chapéu. Nós falamos, muitas vezes, sobre como trocaríamos nosso apartamento velho por uma casa grande mais ao norte, em Lakeview ou a oeste, em Roscoe Village, deixando a nossa casa atual, onde a hipoteca seria um pouco menor, ainda que as viagens para a escola e o trabalho fossem bem maiores. Eu me peguei procurando por beliches brancos de madeira quando escolhemos o berço de Zoe; já podia ver camas cobertas por edredons floridos, estantes fofas em formato de casa de bonecas e uma porção de brinquedos espalhados pelo chão. Pensei em ensinar as crianças em casa como alternativa à cara escola privada que Zoe frequenta agora, uma opção muito mais prática do que os quarenta mil dólares que gastaríamos por ano pagando a escola de cada

um de nossos filhos imaginários.

O médico usou a palavra *histerectomia*. Eu fiquei deitada na cama durante a noite quando deveria estar dormindo, considerando essa palavra, o que significava. Para o doutor, para Chris, era um termo, um procedimento médico. Para mim, era carnificina, pura e simples. A aniquilação de Juliet e Zach, Sophia e Alexis. O fim do meu sonho de camas com lindos edredons e aulas em casa.

Mas, é claro, àquela altura, Juliet já havia partido, um simples procedimento médico, que era tudo, menos simples. Não havia maneira de saber se o bebê que eu carregava era ou não uma garota – foi o que o doutor disse, o que Chris tornou a afirmar de novo e de novo, que *não havia como saber* – e ainda assim eu sabia, eu sabia com certeza que Juliet tinha sido descartada como lixo hospitalar, junto com meu útero, meu colo do útero, partes da minha vagina.

Eu me flagro, ainda, empilhando roupas de bebê que encontrei em boutiques na cidade – macacões lavanda de verão e roupinhas com estampas de animais – escondidas em caixas que rotulo "Heidi: Trabalho" de propósito e guardo no armário do nosso quarto, sabendo muito bem que Chris jamais reconheceria o que pensava serem estatísticas austeras de alfabetização e livros de faculdade sobre supletivos.

– É um nome bonito – digo. – E o seu bebê?

– Ruby – diz a moça, indecisa.

– Adorável – digo, e é mesmo. – Quantos meses?

Há uma pausa, e então ela diz, como se não tivesse certeza:

– Quatro meses.

– Já viram o cardápio? – questiona a garçonete ruiva, surgindo do nada. A garota, Willow, assusta-se e olha para mim, para que eu responda. O cardápio permanece na frente dela, intocado.

– Eu acho que precisamos de mais um tempo – digo, mas sugiro um chocolate quente para Willow, que treme de frio do outro lado da mesa de vinil. Ponho as mãos ao redor da minha caneca, agora mais fria, mas ainda retendo algum calor do café que a garçonete agora repõe pela terceira vez.

– Chantili? – pergunta a mulher, e Willow olha para mim em busca de aprovação. Engraçado, penso, como naquela fração de segundo ela vira uma

criança, apenas com a menção do chantili. Ela me parece uma ilusão de ótica, como o famoso vaso de Edgar Rubin: dependendo de como se olha, uma das duas cenas aparece, dois perfis, dispostos face a face, ou o vaso disposto entre eles. A imagem muda bem diante de seus olhos. Perfis, vaso. Mulher forte e independente com um bebê; garotinha desamparada com uma queda por chocolate quente e chantili.

– É claro – manifesto, talvez com entusiasmo demais. Momentos depois, a garçonete volta com a bebida celestial, uma caneca aquecida e um pires, com um monte de espuma, branca como neve, no topo, salpicado com raspas de chocolate. Willow alcança uma colher e mergulha a ponta no chantili, e lambe, saboreando, como se não provasse chocolate quente há anos.

Como é que alguém como ela acaba nas ruas? Vivendo sozinha, sem ter quem cuide dela, sem um guardião. Claro que fazer essa pergunta parece totalmente inapropriado, uma maneira eficaz de fazê-la correr de mim. Eu observo enquanto ela aprecia o chantili, e então se entusiasma, inclinando-se, colherada após colherada, até terminar, até derramar pelos cantos da boca, enquanto a bebê a observa com olhos famintos, não mais encantada pela água gelada, mas por essa substância branca borbulhante que goteja da boca da mãe.

Ela ergue a caneca até seus lábios e bebe rápido demais, recuando com a língua queimada. Com minha colher, eu tiro um cubo de gelo de uma jarra de água e o mergulho no chocolate quente.

– Aí está – digo. – Isso vai acelerar as coisas – ela hesita, então prova de novo, e dessa vez não queima sua língua.

Há uma contusão meio oculta acima do olho esquerdo. Uma cor ocre, como se estivesse sarando. As unhas, quando pega o cardápio e decide o que vai comer, são longas e quebradas com uma abundância de sujeira encravada entre elas e a pele. Há quatro furos em cada orelha, incluindo a cartilagem no topo, que ostenta um alargador. Percorrendo o comprimento do lóbulo da orelha há um par de asas de prata, uma cruz gótica e lábios vermelho-rubi, nessa ordem. Os lábios vermelhos estão faltando na orelha esquerda. Eu os imagino na calçada imunda da cidade abaixo da estação Fullerton, sendo esmagados por pedestres, ou no meio da rua, sendo atropelados por táxis. A franja pende na frente de seus

olhos. Quando quer me encarar, ela a afasta, mas então a deixa encobrir os olhos outra vez, como um véu. A pele, nas mãos dela, no rosto, é rachada e vermelha, criando fissuras na derme, as mãos cheias de sangue seco. Os lábios estão rachados. A bebê, Ruby, também tem indícios de eczema, crostas e manchas vermelhas pela pele que já deve ter sido macia. Eu alcanço minha bolsa e apanho uma loção hidratante e, deslizando-a pela mesa, digo:

– Minhas mãos ficam ressecadas no inverno. O vento frio. Isso ajuda – e ela aceita a embalagem de loção, acrescento: – Para Ruby, também, para o rosto dela. – A garota põe a franja de lado, assente e, sem hesitar, aplica a loção no rosto da criança. Ruby encolhe-se com o frio da loção, os olhos azuis reservados observando a mãe com curiosidade misturada a certo ressentimento.

– Quantos anos você tem? – pergunto, e sei que a resposta imediata, premeditada, é uma mentira.

– Dezoito – responde, sem olhar para mim. Todas as outras perguntas que fiz foram recebidas com hesitação. É a forma imediata como ela responde que me dá a certeza de que é uma mentira. Isso e a ingenuidade dos olhos quando a ilusão de ótica mostra a outra face, e ela é novamente uma garotinha. Uma garotinha desamparada como Zoe.

Crianças se tornam legalmente adultos quando completam dezoito anos. Viram seres independentes. Os pais perdem os direitos sobre seus filhos; também deixam de ter a responsabilidade financeira. Há muitas coisas que alguém de dezoito anos pode fazer e que alguém de dezessete não pode, como viver só pelas ruas da cidade. Se Willow só tem dezessete, ou quinze ou dezesseis anos, então certas perguntas devem ser feitas: onde estão os pais dela e por que não vive com eles? Ela fugiu? Sua situação é resultado de algum tipo de abandono? Meus olhos se voltam para o hematoma e me pergunto se sofreu abuso infantil. Se ela tinha dezessete anos, poderia ser forçada a voltar para casa, se tal casa existir, ou forçada a entrar no sistema de adoção.

Mas eu deixo essas suspeitas caírem no esquecimento e levo em conta a palavra da garota: ela tem dezoito anos.

Há abrigos especiais para mulheres e crianças.

– Há abrigos específicos para mulheres e crianças. Eu não trabalho em

abrigos. Trabalho com mulheres jovens, como você. Mulheres de outros países. Refugiadas. Eu as ajudo, às vezes, a se estabelecerem.

A garçonete volta para anotar o pedido. Eu peço rabanadas e Willow diz que quer o mesmo. Eu percebo então que ela pediria qualquer coisa que eu pedisse. Ela não quer parecer impertinente, pedir um hambúrguer enorme enquanto eu como uma salada, ou café da manhã se eu pedisse jantar. A garçonete retira os cardápios da mesa e desaparece atrás de uma porta oscilante de alumínio.

– Há abrigos holísticos alternativos por aí. Oferecem um porto seguro, assistência médica, psicológica, educação. Há assistentes sociais para ajudá-la a se levantar. Ajudá-la a montar um currículo, encontrar uma creche para Ruby. Eu posso fazer algumas ligações – ofereço, mas vejo que os olhos dela estão fixos em um homem idoso em outra mesa, sozinho, cortando educadamente um sanduíche natural ao meio.

– Não preciso de nenhuma ajuda – diz, aborrecida. Então, silencia.

– Tudo bem – concordo, sabendo que se eu insistir no assunto, ela vai pegar a bebê, a maleta de couro e sair dali. – Tudo bem – repito, mais baixo agora. Uma concessão. Eu paro de me intrometer e ela fica. Então ela fica, e devora o jantar praticamente em silêncio e eu observo a bebê lentamente ficando letárgica e relaxando para dormir no colo da garota. Observo enquanto ela despedaça a torrada com o lado do garfo e inunda cada pedaço em uma piscina de xarope de bordo antes de mergulhá-los em sua boca voraz. Eu como devagar, vendo o xarope escorrer pelo seu queixo, e como ela o limpa com a manga do casaco verde-oliva.

Qual foi a última vez que teve uma refeição decente?

Essa é apenas uma de um número infinito de perguntas que tenho. Quantos anos tem, *de verdade*? De onde ela é? Como virou sem-teto? Há quanto tempo vive sozinha nas ruas? Onde está o pai de Ruby? Como conseguiu o hematoma? Com que frequência visita a biblioteca? Ela sempre frequenta os corredores ou apenas quando tem vontade? Eu quase mencionei a bibliotecária com o sorriso bondoso – um comentário proposital que nos levasse a uma conversa leve – mas paro a tempo. É claro que a garota não faz ideia de que a vi na biblioteca, que eu demorei no corredor ao lado espiando enquanto lia em voz alta *Anne de*

Green Gables.

E então, comemos em silêncio. No lugar da conversa fiada, há sons que acompanham a refeição: mastigação e deglutição, mais xarope de bordo jorrando da garrafa de plástico, um garfo caindo no chão. Ela se abaixa e o pega, e o mergulha na torrada como uma vítima de tortura a quem a comida foi negada por dias. Semanas. Mais.

Quando a refeição acaba, ela coloca as mãos na maleta e se levanta da mesa.

– Você vai embora? – pergunto. Há surpresa em minha voz. Eu ouço. Ela ouve.

– Sim – responde. Ruby acorda brevemente pelo movimento e, então, volta para o Reino dos Sonhos.

– Mas espere – digo, e há aquele desespero que senti na rua: a garota se afastando, e eu, sem conseguir impedi-la. Eu me debato para pegar a minha bolsa e encontrar uma única nota de vinte dólares, não o suficiente para cobrir os gastos do jantar. Preciso esperar que a garçonete traga a conta, vou ter de pagar a refeição com cartão de crédito. – Deixe-me levá-la à farmácia – imploro. – Compraremos algumas coisas para você. Fórmula – digo. – Fraldas. – Hidrocortisona para o rosto inflamado. Barras de cereal para Willow. Creme antiassaduras. Pasta de dentes. Escova de dente. Xampu. Escova de cabelo. Vitaminas. Garrafas de água mineral. Luvas. Uma sombrinha – e então aquilo soa como uma tolice, mesmo em minha mente, pois ela não poderia carregar todas essas coisas pelas ruas da cidade.

Ela olha a nota de vinte na minha carteira aberta e eu a tiro dali, sem pensar duas vezes, e entrego a ela.

– Vá à farmácia – digo. – Compre o que precisa. Para você. Para a bebê. – Ela hesita por um breve segundo e, então, arranca a nota da minha mão. Ela acena, o que acho que significa sim e obrigada. – Espere – digo, antes que ela fuja. Sem pensar, ponho uma das mãos no casaco de *nylon* e a faço parar antes que se vá. O *nylon* parece estranho ao meu toque, exótico. Quando os olhos azuis gelados viram para mim, eu recolho a mão com pressa, e imploro: – Por favor. Espere. Apenas um segundo – enquanto desenterro um cartão de visitas da minha bolsa. Um cartão preto simples com o meu nome e números de telefone

– celular e trabalho – em letras brancas, em fonte Comic Sans, fácil de ler. Eu o coloco na mão dela. – No caso de... – começo, mas um garçom passa por nós com pressa, uma bandeja cheia de comida empoleirada na palma de uma das mãos acima da cabeça, e cantarola:

– Com licença, senhoras – e a garota se afasta dele, afasta-se de mim, e lentamente some de nossa vista, como um buquê de rosas amarelas, murchando e sumindo aos poucos.

E lá eu fico, sozinha, no meio do Stella's, pensando: *por favor. Espere*. Embora agora a garota tenha desaparecido do restaurante e a garçonete ruiva, apática à minha aflição, venha até mim e me entregue o recibo.

Eu faço o longo caminho até minha casa, anestesiada pelo frio, pela névoa fina no ar. Sigo pelo longo caminho, parando no sebo em Lincoln para pegar uma cópia de *Anne de Green Gables*.

Pago dois dólares pelo livro porque há páginas caindo, tesouros avulsos esquecidos enfiados dentro das páginas envelhecidas: um marcador com passamanaria, uma fotografia antiga de uma menina com meias brancas na altura dos joelhos e seu avô em calças azuis xadrez. Há uma inscrição no livro e uma data: "Para Mamãe 1989".

Encontro meu vizinho Graham no corredor enquanto subo, a ponto de largar uma garrafa vazia de vinho no dispensário de lixo.

– Isso é reciclável – lembro a ele, ouvindo o tom incômodo da minha voz que deixa Chris com raiva.

Mas Graham apenas ri. Ele deixou a porta do apartamento escancarada, uma loira, rainha da beleza, no sofá com uma taça fresca de Chablis. Trocamos um olhar e eu forço um sorriso, que ela não devolve.

– Pego pela polícia da reciclagem, outra vez – diz ele, retirando a garrafa do dispensário. Há cestos de lixo reciclável na entrada do prédio, uma caminhada longa para alguém que não pensa muito sobre o meio ambiente. Mas eu penso. Eu me impeço antes de lembrar a Graham que leva em torno de um milhão de anos para uma garrafa de vidro se decompor.

Sinto uma necessidade esmagadora de contar para *alguém* sobre minha noite

no Stella's, sabendo que Chris não vai ouvir. Nem mesmo Jennifer vai – ela é racional demais, lado esquerdo do cérebro demais para esse tipo de insanidade. Eu preciso de alguém que seja governado pelo lado direito como eu, alguém guiado por sentimentos e emoções, pela imaginação e crenças, alguém inspirado pela fantasia.

Alguém como Graham.

Mas da porta aberta do apartamento, escuto sons de guitarra acústica no estéreo, a rainha da beleza chamando-o pelo nome. Ele enfia a garrafa vazia embaixo do braço e me diz que precisa ir.

– É claro – digo, e o observo enquanto fecha a porta e acabo face a face com uma guirlanda de corniso, ouvindo o ronronado dos dois.

Dentro da minha casa, esqueço o meu filme e me enfio na cama com *Anne de Green Gables*. Quando Chris finalmente chega de sua viagem, escondo o livro rapidamente embaixo da cama, onde apenas as gatas e montes de poeira habitam, e finjo estar dormindo.

Ele rasteja na cama ao meu lado e me dá um beijo longo e lento, embora os lábios estejam saturados da imagem de Cassidy Knudsen.

WILLOW

Minha Mami era a mulher mais linda do mundo. Longas tranças negras, um rosto fino com bochechas cheias, sobrancelhas em um arco perfeito e os olhos mais azuis que eu já vi. *Eu amo você como um esquilo ama nozes*, ela me dizia, ou *eu amo você como um rato ama queijo*. Nós passávamos dias inteiros competindo para ver quem pensava na frase mais boba: *eu amo você como um menino gordo ama bolo*. E morríamos de rir. Era nossa brincadeira.

Morávamos em uma casa no interior de Nebraska, em um vilarejo perto de Ogallala, Mami e Papi, Lily e eu. Ogallala veio muito antes de Omaha, do mesmo jeito que Mami e Papi vieram muito antes de Joseph e Miriam. Para ser precisa, era um mundo completamente diferente, era uma *eu* completamente diferente.

Mami sempre costumava me falar sobre o dia em que ela e Papi se casaram. Contou que, quando finalmente disseram o "sim", já estava grávida de mim, o que não era problema nenhum nem para ela nem para Papi, mas a mãe e o pai dela não gostaram nada daquilo. No fim, eles também não gostavam muito de Papi, então um dia, quando Mami tinha dezenove anos, ela e Papi pegaram o carro e foram até uma capela na estrada para Des Moines. Lily dormia seu sono da tarde. Eu tinha oito anos. Mami me contou sobre a capela, sobre como ela caminhou até o altar em um vestido fino, sem alças, que ia até o tornozelo e era branco como a neve; ela me contou de seu véu, ela disse que era um *voillet*, e eu a imaginei dançando de branco rumo ao altar. Ela me contou do homem que os casou, chamado Reverendo Love, e mesmo naquela idade, aos oito anos, eu tive dificuldade de acreditar que aquele era o verdadeiro nome dele. Reverendo Love. Eu me lembro do modo como Mami dizia seu nome, naquele dia em que sentamos nos degraus na frente de nossa casa pré-fabricada, olhando para alguns meninos jogando bola no jardim, algumas casas abaixo naquela mesma

rua monótona de sempre, do modo como ela repetia o nome, alongando a palavra *love*, até que nós duas caímos na gargalhada.

Mas ela disse que Papi estava lindo de morrer, de camisa social e gravata, com um blazer que ele tinha conseguido emprestado de um amigo. Eu tive dificuldade em imaginar meu Papi vestido assim, acho que nunca vi meu pai de camisa social e gravata em toda a minha vida. Não havia nenhuma foto do casamento, porque Mami e Papi não tinham uma câmera naquele tempo, mas tinham um papel que dizia que eram casados, e isso era mais importante para eles do que fotos. Mami me mostrou aquele papel. Certidão de Casamento, dizia, e lá, no pé da folha, as palavras "Reverendo Love".

E daí, seis meses depois, eu nasci. Mami me contou sobre aquele dia, o dia em que eu cheguei. Ela me disse que demorei para sair de dentro dela, como não tive nenhuma pressa. Ela me contou como Papi me pegou no colo e me abraçou, como se ele achasse que eu fosse quebrar. Eu não conheci meus avós, nem naquele dia nem nunca. A mami e o papi de Mami não queriam saber de nós e a mami e o papi de Papi, bem, eles estavam mortos. Nós os visitávamos de vez em quando, no cemitério da Fifth Street, e colocávamos dentes-de-leão amarelados em um jazigo onde estava escrito Ernest e Evelyn Dalloway.

Minha Mami tinha sido convencida por sua própria mami de que ela era Audrey Hepburn e por essa razão ela se chamava Holly, como a personagem Holly Golightly. Mami sempre fazia um coque no cabelo e ficava andando pela casa com uma piteira como a de Bonequinha de Luxo, apesar de ela não fumar. Alguns dias, vestia uns vestidos antigos de saia rodada e bolinhas e passava a tarde plagiando frases de Audrey Hepburn, fingindo que eram dela, e eu só me sentava e ficava admirando aquilo.

Nunca achei estranho que Papi quisesse se casar com ela. Eu nunca vi alguém tão bonita quanto Mami.

Eu perguntava sempre à Mami como tinha conhecido meu Papi. Era uma história que ela não se cansava de repetir. Ela me contava como ela conheceu Papi na cidade, em um bar onde ele trabalhava, sobre como um idiota qualquer começou a se engraçar com ela e como Papi não gostou nada daquilo, não gostou do modo como o homem falava com ela, não gostou do homem continuar

segurando a mão dela, mesmo depois de ela dizer que não estava interessada. Meu cavaleiro de armadura brilhante, ela afirmava. Mami sempre disse que casar com Papi foi a melhor decisão que tinha tomado em toda a sua vida, apesar de o casamento ter feito com que seus próprios pais simplesmente desaparecem da vida dela. Puff, ela dizia, mexendo as mãos como um mágico fazendo algo desaparecer, num passe de mágica.

Como trabalhava como caminhoneiro, Papi quase nunca estava em casa. Ele era um CLD, que significava "caminhoneiro de longas distâncias". Ele passava a vida viajando de um oceano a outro, rebocando carga ou produtos perigosos pelo país. Nós morríamos de saudade quando ele estava fora, especialmente Mami, mas quando ele voltava era uma festa, cobria Mami de beijos molhados e a tocava em lugares que a faziam corar. Ela se arrumava toda para esperá-lo, ajeitando o cabelo e pintando os lábios com batom cor de amora. Ele sempre trazia alguma coisa para mim e para Lily, algo que ele comprava em Vermont ou na Georgia ou por onde quer que tivesse passado – um chaveiro ou um cartão-postal, uma Estátua da Liberdade em miniatura. Quando Papi estava em casa era como uma manhã do Natal, como férias de verão. E ele trazia coisas para Mami também, mas essas ele não mostrava para ela, não até que eu e Lily estivéssemos na cama, mas eu os ouvia de noite, quando achavam que eu já estava dormindo; eu os ouvia em seu quarto, rindo.

Nós não tínhamos muito dinheiro, lá naquela casa na periferia de Ogallala, mas Mami, ela amava fazer compras. Claro que nós não tínhamos dinheiro para comprar as coisas que ela queria, então ela pegava Lily e eu e nós íamos a lojas caras só para ela experimentar os vestidos e se olhar com eles no espelho. Essa era uma das coisas que nós fazíamos quando Papi estava viajando, mas Mami dizia: "Nunca conte para Papi", porque ela não queria que ele se sentisse mal. Mas Mami falava bastante sobre *um dia. Um dia* ela teria seu próprio salão, em vez de cortar cabelos naquele banheiro que era meu e de Lily. *Um dia* nós íamos ter uma casa maior, uma que não fosse pré-fabricada. *Um dia* ela ia nos levar a um lugar chamado Magnificent Mile, uma região incrível em uma cidade chamada Chicago. Mami falava como se o lugar fosse um conto de fadas, e eu não tinha certeza se a Magnificent Mile era real ou não. Mas Mami tinha

certeza. Ela falava de lojas com nomes como Gucci ou Prada e do que ela compraria nessas lojas se pudesse. *Um dia*. Tinha uma lista daquelas coisas, de coisas que ela queria ver antes de morrer. A Torre Eiffel, a sepultura de Audrey Hepburn em uma cidadezinha da Suíça, a Magnificent Mile. Nós não tínhamos muito. Apesar de ter apenas oito anos, eu sabia disso, mas nunca desejava ter mais. Eu era feliz naquela casa pré-fabricada na periferia de Ogallala, e apesar de Mami falar o tempo todo sobre os seus "*um dia*", eu não queria que absolutamente nada mudasse. Mami costumava dizer: "Nós não temos muito, mas pelo menos temos uns aos outros".

E então, um dia, nem isso nós tínhamos mais.

CHRIS

Heidi tem esta necessidade de fazer tudo certo. Ela recicla o que pode. Latas e garrafas, o jornal, baterias, restos de papel-alumínio. Devolve os cabides para a lavanderia; dá bronca em mim quando volto do supermercado para casa com uma sacola plástica em vez de ter me lembrado de levar uma sacola reutilizável de casa. Ouço as palavras dela, assombrando-me em meus sonhos, seu tom metálico papagaiando: "Isso é reciclável", nos momentos vagos, tento colocar um envelope ou um papel amassado no lixo não reciclável. Nosso leite vem em garrafas de vidro, que são reutilizáveis e muito caras.

Em nossa casa, aranhas intrusas nunca são mortas, em vez disso são recolocadas na varanda ou, em caso de clima inclemente, vão para o porão, onde podem se reproduzir entre caixas de papelão e bicicletas sem uso. Esmagá-las com o sapato ou mandá-las descarga abaixo seria inumano.

É por isso que temos duas gatas. Porque ela as encontrou, quando ainda eram filhotes, debaixo da lixeira atrás do prédio. O que restava da mãe delas jazia em um emaranhado de sangue, servindo como alimento para cães de rua. Um dia, Heidi as levou para nosso apartamento, cada uma delas pesando meio ou um quilo, sujas, cobertas de merda e lixo, com os ossos à mostra sobre o que restava de pelos, e declarou:

– Ficaremos com elas. – E era assim com a maioria das coisas em nosso casamento, ela não perguntava. Informava-me. *Ficaremos com elas.*

Eu as chamei de One e Two, por que Odette e Sabine (sim, eram fêmeas; eu era, de fato, o único Tom nesta casa de Rainhas), como Heidi sugeriu, soava claramente idiota. Gatos selvagens não merecem nomes humanos, disse a ela. Sobretudo nomes franceses chiques. One era tricolor, *chatte d'Espagne*, como diz Heidi. A Two era toda preta, com pelo longo e olhos brilhantes. Azar. O

demônio. A criatura me odeia.

E, então, não foi surpresa, em uma manhã de sábado, quando saí da cama e lá estava ela, no meio da nossa sala de estar, com seu olhar mais triste de "gatinha órfã". Tinha acabado de desligar o telefone e estava falando sobre a pobre garota da estação Fullerton. Era quase dez da manhã, mas pela escuridão do lado de fora da janela, você poderia ter pensado que eram cinco ou seis horas. O que eu tinha em mente para o dia, depois de uma viagem exaustiva para São Francisco, era sentar na poltrona reclinável de couro, assistir a jogos profissionais de basquete por horas. Mas havia Heidi, acordada desde o amanhecer, com certeza, tendo bebido muita cafeína. Estava de roupão e chinelo, apertando seu celular na palma da mão, e eu *soube* que havia mais nessa história do que ela estava deixando escapar. Não era apenas sobre a garota sem-teto que tinha visto. Deveria haver centenas de milhares de pessoas na mesma situação em Chicago. Heidi os notava, não me entenda mal. Ela atentava-se a cada um deles. Mas eles não a faziam perder o sono à noite.

– Foi por isso que Deus fez os abrigos para as pessoas sem-teto – digo. Está chovendo. De novo. Os canais de televisão estavam com repórteres nas estradas e avenidas debaixo d'água. Perigoso e impenetrável, dizem. Até mesmo as avenidas expressas – partes da Eisenhower e Kennedy – estão fechadas. Ao que parece, entramos em estado de emergência. As câmeras de notícias param em uma placa amarela de rua: FAÇA O RETORNO, NÃO SE AFOGUE, diz. Palavras de ordem. Uma repórter, pingando água e com um poncho dourado, está no Loop, sendo golpeada pela chuva (como se *ver* a chuva pela televisão, em vez de escutar como bombardeava as janelas e telhados da nossa casa, desse uma ideia melhor do que estava acontecendo), avisando que mesmo poucos centímetros de água poderiam levar um carro embora.

– Se você não precisa sair esta manhã – diz ela, dando um olhar preocupado, que significava que ela, na verdade, não dava a mínima para a nossa segurança –, então fique em casa.

– Ela não *fica* em abrigos para sem-teto – diz Heidi, de um jeito experiente, e só então compreendo. Heidi não apenas *viu* essa garota. Houve uma troca. Uma conversa.

O que ela me disse até agora, ou o que consegui arrancar dela, é que ela viu uma jovem sem-teto ao lado da estação Fullerton, implorando por trocados. Uma jovem com um bebê. Levantei-me da cama e fui para a sala de estar – minha mente se fixa em uma única coisa: na televisão – para descobrir que ela acabara de sair de um telefonema para seu celular, e quando lhe perguntei com quem estava falando, ela respondeu:

– Com ninguém.

Mas eu podia dizer que era mentira. Ficou claro para mim que era *alguém* que importava para Heidi. Mas ela não queria que eu soubesse. Isso que acontecia com homens que viajam o tempo todo, pensei. As esposas os traem. Elas se levantam da cama e a primeira coisa que fazem pela manhã é entrar em conversas clandestinas com seus amantes, enquanto os maridos estão colocando em dia o sono muito necessário. Espiei minha mulher: olhos culpados, frenéticos, de repente não tão puros quanto sabia que Heidi era, e perguntei.

– Você estava falando com um homem?

Penso em Heidi, na noite anterior, no modo como ela se afastou de mim na cama. *Ele esteve aqui?*, perguntei-me. *Antes de mim?* Só cheguei em casa depois das onze da noite, para descobrir que Zoe não estava em casa e que Heidi já estava dormindo, e eu me lembrei de quando Zoe era menor, o modo como ela e Heidi faziam faixas de boas-vindas para mim, decoradas com adesivos, desenhos, fotografias ou qualquer outra coisinha que elas conseguissem encontrar para enfeitá-las, para quando eu chegasse em casa, e agora, cinco ou seis anos depois: nada. Apenas as gatas estavam esperando por mim ao lado da porta, seus gritos irritantes não eram boas-vindas calorosas, em vez disso, eram um ultimato: *alimente-nos, ou então...* As minúsculas tigelas de aço inoxidável que Heidi nunca se esquecia de encher quando estavam vazias.

– Heidi – pergunto de novo, minha voz indicando que estou perdendo a paciência. – Você estava falando com um *homem*?

– Não, não – responde ela imediatamente, sem hesitar. Heidi ri, nervosa, e eu não consigo dizer se está mentindo ou se minha sugestão colocava seu segredinho sujo em perspectiva. Algum caso encoberto, ou...

– Então *quem* era? – exijo saber. – Quem era ao telefone? – pergunto de

novo.

No começo, Heidi ficou em silêncio. Ponderando se me contava ou não. Eu estava prestes a ficar irritado, e então, de má vontade, ela me conta sobre a garota. A garota com um bebê.

– Você conversou com ela? – pergunto, sentindo meu coração desacelerar, minha pressão arterial baixar.

– Ela acabou de ligar – respondeu Heidi. Seu rosto está corado: ou é sintoma da overdose de cafeína ou ela está com vergonha.

Meu queixo cai.

– Ela tem seu *número de telefone*?

Heidi está tomada pela culpa. Desconfortável. Ela não responde de imediato. E então, de modo tímido, diz:

– Eu lhe dei meu cartão. No jantar. Na noite passada.

Isso, penso, está ficando estranho. Encaro a mulher diante de mim consternado – os cabelos castanhos bagunçados, os olhos maníacos e cafeinados – e me pergunto o que ela fez com minha mulher. Heidi é uma sonhadora, sim. Uma visionária, uma otimista. Mas sempre houve uma dose de realidade misturada a isso.

Exceto que por esta vez, ao que parece, não há.

– Jantar? – pergunto, mas então balanço a cabeça, reformulando a pergunta para chegar aos detalhes mais pertinentes: – Por que ela telefonou para você?

Estava olhando diretamente para os olhos enlouquecidos de Heidi e desejando que tivesse sido outro cara ao telefone.

Heidi marchou até a cafeteira, como se ela pudesse consumir mais cafeína. Ela pega a caneca personalizada que Zoe e eu demos a ela no Dia das Mães, há alguns anos, de cerâmica preta, decorada com algumas fotografias de Zoe, que a lava-louças começou a desgastar. Ela enche de creme de avelã e penso: *açúcar também. Perfeito. Tudo o que Heidi precisa.*

– Ruby chorou a noite toda – responde ela. – A noite toda. Willow estava em uma crise de verdade. Pareceu exausta. É cólica. Tenho certeza. Lembra-se de quando Zoe era bebê e tinha cólica? O choro que durava a noite toda. Estou mesmo preocupada com ela, Chris. Com as duas. Aquele choro persistente. O

tipo de coisa que leva à depressão pós-parto. À síndrome do bebê sacudido.

E, na verdade, consigo pensar em apenas uma coisa a dizer.

– Willow? É esse o nome dela? E Ruby?

Heidi responde que é.

– As pessoas não recebem nomes como Willow, Heidi. Willow, ou salgueiro, é nome para árvores. E Ruby... – Deixo o resto da frase de lado, pois Heidi está me encarando como se eu fosse o diabo encarnado, parado no meio de nossa sala de estar, usando uma cueca samba-canção xadrez e nada mais. Passo por Heidi e entro na cozinha para pegar minha própria xícara de café. Talvez, então, isso tudo faça sentido. Talvez, depois de um café, eu venha a me dar conta de que tudo isso não passa de um mal-entendido, a explicação perdida em algum lugar do meu cérebro cansado e lento. Sem pressa, encho a xícara diante dos balcões de granito, tomando meu café, esperando que o estimulante desperte meus neurônios.

Mas, quando volto da cozinha, Heidi está parada do lado de fora da porta de entrada, vestindo uma enorme capa laranja sobre seu roupão.

– Para onde você está indo? – pergunto, perplexo pela capa, o roupão, o cabelo bagunçado. Ela tira os chinelos e enfia os pés em um par de galochas que estavam diante da porta.

– Disse a ela que eu iria encontrá-la.

– Encontrá-la *onde*?

– Na estação Fullerton.

– Por quê?

– Para ver se ela está bem.

– Heidi – digo com meu tom de voz mais racional e direto. – Você está de pijama. – E ela olha para o roupão lilás de lã, a calça floral de algodão.

– Certo – diz ela e corre para o banheiro, trocando a calça floral por uma calça jeans. Ela não perde tempo tirando o roupão.

Isso é um completo absurdo, penso. Eu poderia dizer a ela, fazer uma lista de motivos ou um gráfico em barras para ela se dar conta, de modo bem visível, o quanto isso era uma absoluta insanidade. Em um eixo, eu listaria todas as anomalias da situação: o fetiche de Heidi por pessoas sem-teto, a falta de

discrição ao dar à garota seu cartão profissional, o ridículo daquele roupão lilás e da capa laranja, a chuva; no outro eixo eu mostraria os valores dessas anormalidades, a roupa em muito ultrapassada pelo cartão profissional, por exemplo.

Mas tudo isso iria me jogar em terreno pedregoso.

Assim, observei, pelo canto do olho, da minha poltrona reclinável de couro, enquanto ela pegava sua bolsa e um guarda-chuva no armário da entrada e desaparecia pela porta, cantarolando:

– Eu o vejo mais tarde.

Minha resposta letárgica:

– Tchau.

As gatas saltaram para o peitoril da janela, como sempre fazem, para vê-la sair pela entrada principal do prédio e descer a rua.

Faço ovos mexidos para mim. Esqueço-me de colocar a caixa dos ovos no lixo reciclável. Aqueço fatias macias de bacon no micro-ondas (isso parece completamente errado de se fazer na ausência de Heidi: comer carne em nossa casa pseudovegerariana), e como na frente da televisão: os shows antes do jogo no canal ESPN que, em algum momento, vão se transformar em jogos da NBA. Durante os intervalos comerciais, troco para a CNBC, porque nunca posso ficar muito longe das notícias de Wall Street. É a parte do meu cérebro que nunca dorme. Aquela consumida pela ideia de dinheiro. Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Os raios caem; os trovões ressoam. O prédio todo estremece. Penso em Heidi na rua com esse tempo e espero que ela termine o que precisa fazer e corra logo para casa.

E então, outro trovão e outro raio.

Rezo a Deus para que a energia elétrica não caia antes do jogo.

Cerca de uma hora depois, Zoe é trazida para casa por Taylor e sua mãe. Ainda estou de cueca samba-canção quando Zoe as deixa entrar, e lá, pairando junto da porta, boquiabertas, pingando como um bando de cães molhados, encarando-me, na minha cueca samba-canção, com todo o pelo do meu peito à mostra. Meu cabelo está oleoso, bagunçado, e um cheiro de homem velho está

grudado em mim.

– Zoe – digo, pulando da poltrona, quase cuspindo meu café ao mesmo tempo.

– Papai. – A mortificação fica evidente nos olhos de Zoe. Seu pai, seminu, na mesma sala que sua melhor amiga. Passo um cobertor de pele falsa ao redor de mim mesmo e tento fazer piada.

– Eu não sabia quando você estaria em casa – digo. Mas é claro que essa não é uma boa desculpa. Pelo menos, não para Zoe.

Essa, tenho certeza, é a primeira das muitas vezes que humilharei minha filha. Assisto a Zoe pegar Taylor pela mão e juntas desaparecerem pelo corredor. Ouço a porta do quarto dela bater e imagino as palavras de Zoe: *meu pai é um perdedor*.

– Heidi está em casa, Chris? – indaga Jennifer, olhando para qualquer coisa que não fosse eu.

– Não – respondo. Pergunto-me se Jennifer sabe sobre a garota. A garota com um bebê. É provável. Quando se trata da vida de Heidi, Jennifer sabe quase tudo. Aperto ainda mais o cobertor e penso no que Heidi conta a ela sobre *mim*. Tenho absoluta certeza de que, quando estou sendo um canalha, Jennifer é a primeira a saber. Sobre minha colega de trabalho gostosa ou a respeito do fato de eu estar viajando *de novo*.

– Você sabe quando ela estará em casa?

– Não.

Vejo Jennifer mexer na alça de sua bolsa. Ela poderia ser uma mulher bonita se tirasse os jalecos e colocasse algumas roupas de verdade para variar. A mulher trabalha em um hospital, e tenho quase certeza que as únicas roupas penduradas em seu guarda-roupa são jalecos de todas as cores do arco-íris e tamancos. Tamancos médicos. Parecem confortáveis, darei esse bônus a ela, e ainda assim, o que aconteceu com o jeans? Um moletom? Calças de ioga?

– Alguma coisa em que eu possa ajudar? – pergunto, mas é uma oferta idiota. Jennifer, uma mulher divorciada amarga, me odeia só porque sou um homem. Um folgado, nada menos, zanzando pela casa de cueca, no meio do dia.

Ela balança a cabeça.

– Só coisa de garotas – responde e, então, completa: – De qualquer forma, obrigada.

E depois ela vai atrás de Taylor, e quando elas vão embora, Zoe se vira para mim, encarando-me com seu olhar de desaprovação adolescente.

– Sério, papai. *Samba-canção?* São onze horas. – E se retira para seu quarto, batendo a porta.

Ótimo, penso. *Perfeito*. Heidi perseguindo garotas sem-teto, mas sou eu o esquisito.

HEIDI

Não sei se ela bebe café ou não, mas eu lhe trouxe um café *mocca* mesmo assim, coberto com uma boa quantidade de creme, a escolha perfeita para alguém que está tendo um dia ruim. Pego um bolinho de canela e uma fatia de torta de frutas vermelhas e café, para o caso de ela não gostar de canela ou de bolinhos. E então disparo pelas ruas quietas da manhã de sábado, com os cotovelos erguidos, em uma posição defensiva, pronta para atacar qualquer pessoa que entrar no meu caminho.

Fim da amostra deste eBook.
Você gostou?
Compre agora
ou
Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle